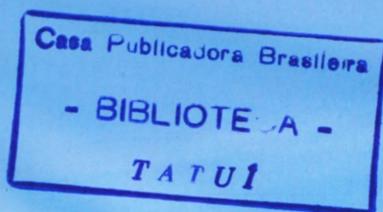




Janeiro-Fevereiro de 2008

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



**Divindade
em missão**

**Conectando
com Jesus**

Um projeto para
reavivar sua igreja



A infalível medida do sucesso

Não é grandeza institucional, nem prestígio nem riqueza



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

Fontes de motivação

Qualquer que seja sua atividade: pastorado, capelania, administração, liderança de departamento ou ensino, você tem desafios reais e, às vezes, esmagadores. Mas, esses desafios são acompanhados com seu próprio ritmo de esperança e entusiasmo. Esse fato é inerente ao conceito de que Deus nos chamou. É justamente por isso que Ele dirige nossos passos e nos fortalece. Assim, os desafios podem se tornar oportunidades para experimentarmos esperança e entusiasmo.

A Palavra. Encontrar tempo para estudar a Bíblia é um desafio para muitos de nós. Parece que outras coisas importantes requerem nossa atenção, mas a questão permanece: Como encontrar tempo para estudo profundo da Palavra de Deus? Durante muitos meses, pensei que tinha o que parecia ser uma explicação razoável para não investir mais tempo no estudo da Palavra: meu escritório estava em reforma e os livros estavam desorganizados.

Durante esse período, li superficialmente a Bíblia, mas, justamente porque muitos livros não estavam disponíveis à pesquisa e o ambiente não era motivador, o estudo ficava difícil. Um dia, resolvi agir. Criei algum espaço, ajustei algumas coisas e dediquei tempo à Palavra. Nada de desculpas. Não tinha acesso a todos os recursos, mas tinha bastante para enriquecer minhas pesquisas. Tal atitude foi uma bênção para mim. Qual é seu empecilho para gastar tempo com a Bíblia? Tome uma atitude e crie esse tempo. Você e sua congregação serão abençoados.

Pregação. Anos atrás, lembro-me de ter ouvido predições sobre o fim da pregação. Éramos informados de que outros meios mais efetivos de comunicação tomariam seu lugar. Alguns desses profetas estavam certos, porém, quanto ao seu próprio ministério. Quem é apaixonado pela pregação não a vê como relíquia do passado. Sua mensagem ainda desafia, transmite ânimo e esperança aos ouvintes. Não faz muito tempo, conversei com um colega que experimentava sérios desafios. Em

lugar de se mostrar desanimado, ele me disse que tem uma renovada paixão pela pregação. Cada sermão tem se tornado uma jornada estimulante para ele.

Avalie sua pregação. Quando você se levanta diante do povo, tem intenso interesse em dar uma mensagem de esperança? Lembro-me da recente experiência em um país em que as pessoas enfrentavam desafios aparentemente insuperáveis. Apesar disso, queriam ansiosamente ouvir a Palavra de Deus. Sua resposta me entusiasmou. Acho que, quanto à pregação, não devíamos falar do pregador como transmissor da mensagem, mas do pregador e da congregação como participantes, juntos, da mensagem de Deus.

Fidelidade. Embora alguns neguem, o problema do abuso praticado por clérigos existe e transpõe barreiras denominacionais. Mas, não se supõe que eles sejam homens que responderam ao chamado de Deus? Que aconteceu, então, com a idéia de santidade? Apesar desse e de outros problemas, não podemos esquecer os pastores que permanecem fiéis à sua vocação divina. E alguns deles ministram sob circunstâncias desafiadoras.

Recentemente, tive o privilégio de me reunir com dezenove pastores no Sudão. Esse país tem sido o centro de notícias por causa dos conflitos ali existentes. Durante os doze dias em que estivemos juntos, fui impressionado com seu compromisso ministerial e a ausência de queixas. Um daqueles pastores viaja normalmente dez dias em vá-

rios meios de transportes, para trabalhar. Muitas igrejas estão espalhadas por uma vasta área do país, de modo que, muitas vezes, eles ficam longe da família por várias semanas. Não lhes faltam razões para reclamar; entretanto, em vez disso, eles enfatizam, com alegria, as oportunidades que o Senhor lhes dá. O entusiasmo daquele grupo é simplesmente contagiante.

De que fontes você tem recebido e de que modo tem mantido a chama da esperança e o entusiasmo? 

“Os desafios do pastorado podem se tornar oportunidades para renovação da esperança e do entusiasmo”



Para transtornar o mundo

Como instituição religiosa, nossas conquistas são indiscutivelmente magníficas. Operamos um sistema educacional que atende plenamente a todos os níveis, e do qual emergem alguns dos mais destacados complexos universitários do mundo. Nossa mensagem de saúde está dignamente representada por vasta rede hospitalar e de fábricas de alimentos. A presença da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, é marcante em todos os rincões da Terra. Centros de mídia e emissoras de rádio e televisão atestam o significativo progresso da nossa comunicação. Grandes editoras produzem as “folhas de outono” que conduzem o refrigerio da esperança e salvação a corações sequiosos.

A marcha do nosso crescimento numérico parece desconhecer barreiras: somos, hoje, mais de quinze milhões de adventistas em 204 países dentre os 228 reconhecidos pela Organização das Nações Unidas, ONU. Nesse quadro, a pujança da igreja na América do Sul, com aproximadamente três milhões de membros, é pintada em cores muito fortes. Aqui está o maior país adventista do mundo: o Brasil, contabilizando cerca de dois milhões de fiéis. Sobram motivos para celebração.

Temos tudo? De nada temos falta? Certamente, não. Mas não são tais conquistas manifestações da bondade de Deus? Sim. Porém, respeitáveis empresas multinacionais também ostentam conquistas materiais, estendem seus tentáculos em várias regiões do planeta e aumentam o número de clientes, graças a sofisticadas e bem ela-

boradas estratégias de *marketing*. Porém, nós não somos uma empresa multinacional e Deus nos quer dar mais, muito mais.

Nesta época solene, quando o horizonte da História já exhibe os tons avermelhados de seu crepúsculo, o Senhor espera que nossa presença no mundo suscite mais que respeito e admiração por aquilo que temos. De fato, devemos provocar, em sentido positivo, o mesmo comentário feito sobre os primeiros cristãos: “Estes que têm transtornado o mundo...” (At 17:6). E isso, por causa do que devemos ser.

É neste ponto que nos deparamos com a premente necessidade individual e corporativa de buscarmos uma experiência cujo valor excede, infinitamente, a tesouros e prestígio terrestres: “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 121). Como aconselha George Knight, “necessitamos focalizar nossa atenção sobre o fato de que nosso alvo não é administrar uma boa empresa na Terra, mas fazer avançar a missão de tal modo que apresse o estabelecimento do reino de Deus. Líderes adventistas devem sair da mentalidade de empresários de êxito para a de revolucionários espirituais com a missão de mudar a ordem mundial”. O relógio profético divino assinala que é tempo de priorizarmos a busca de tal experiência.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 79 – Número 01 – Janeiro/fevereiro 2008
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos e Filipe C. Lima
Capa: Montagem de Marcos Santos sobre foto de Daniel Oliveira

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Fanieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Abner Tello Panduro; Edison Valiante;
Eugenio Jará Morán; Francisco C. Bussons;
Montano de Barros; Ivanaudo B. Oliveira;
José S. da Silva Jr.; Moisés Rivero; Patrício B. Alfaro;
Roberto Gullón; Valdílio Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5499/18423

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatui, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

10 A TERAPIA DO PÚLPITO

Como fazer sermões que realmente sejam restauradores.

12 AS SETENTA SEMANAS E OS 2.300 ANOS

A matemática e o Calvário revelam a exatidão profética da Bíblia.

15 JEJUM SEM FOME

Um modelo eficaz de reavivar a igreja para o evangelismo.

17 A INFALÍVEL MEDIDA DO SUCESSO

Ela está acima de grandeza institucional, prestígio mundano e abastança material.

21 DIVINDADE EM MISSÃO

O privilégio de nos unirmos ao Pai, Filho e Espírito Santo, na salvação do perdido.

23 UNICAMENTE PELA FÉ

Profundo estudo cristocêntrico de três concertos bíblicos.

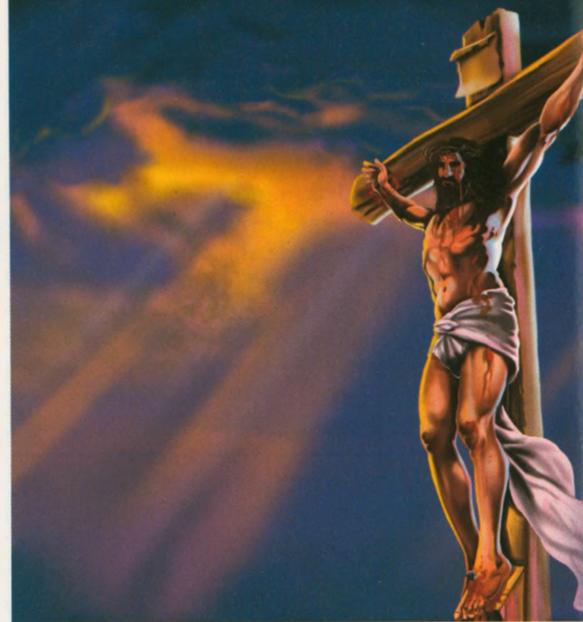
27 O DESTINO DOS CÃES

Quem são os excluídos do paraíso celestial, em Apocalipse 22:14, 15?

30 CONECTANDO COM JESUS

Um projeto para colocar os livros de Ellen G. White em cada lar adventista.

pág. 23



Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Deus quer exaltar-nos à Sua maneira, não à maneira do mundo. Deseja fazer-nos compreender que a grandeza que possuímos é a de Cristo e por causa de Cristo; não nossa, nem por causa de nós mesmos.”

David Jeremiah

Feliz e agradecido

“Minha insuficiência me levou sempre a buscar forças em Jesus. Nunca terei palavras para agradecer a Deus por Sua maravilhosa graça”

por Zinaldo A. Santos

Após 38 anos de trabalho e aos 60 de idade, o pastor Alejandro Bullón deixa as fileiras do pastorado regular e entra na jubilação. Nascido no Peru, onde também iniciou sua carreira, ele chegou ao Brasil nos anos 70 e serviu como diretor do Ministério Jovem na antiga Missão Mineira Central, União Este-Brasileira e União-Central Brasileira. Durante os últimos 17 anos, foi secretário ministerial da Divisão Sul-Americana. Nessa função, dividiu com seus associados a direção de Ministério, tendo participação decisiva no processo de renovação pelo qual a revista passou.

O pastor Bullón é casado com Sara Orfília, de cuja união nasceram quatro filhos. Sendo também avô de quatro netos, ele se define como “um homem feliz e agradecido a Deus”, por ter recebido “a bênção de ser pastor”.

Para esse servo de Deus, jubilar-se não significa vestir o pijama, refestelar-se na poltrona e ver o tempo passar. Sua agenda de campanhas evangelísticas, em vários países, está comprometida até o ano 2012. Além do que ele

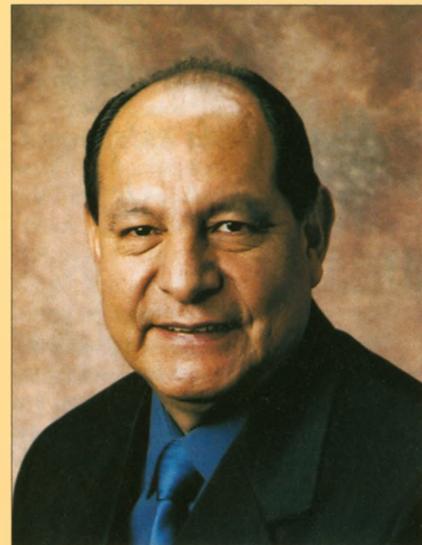
também planeja continuar ocupando o púlpito mais abrangente da página impressa, do qual já prega através de 23 livros publicados. Afinal, em sua opinião, “a pregação é uma atividade da qual ninguém se aposenta”.

Nesta entrevista, o pastor Bullón partilha conceitos e experiências sobre os quais, em simplicidade, humildade e dependência de Deus, foi construído seu êxito pastoral.

Ministério: Mesmo completando seu tempo de serviço institucional, o senhor poderia continuar. Por que escolheu não fazê-lo?

Bullón: Acho que é a vez dos jovens. Há muitos pastores jovens, brilhantes e humildes servos de Deus, que podem ser usados por Ele. Os mais idosos podem ser conselheiros, mas quem deve tomar as responsabilidades nas mãos são os jovens. Contudo, o fato de eu entrar no período da jubilação não significa que vou parar de pregar. A pregação não é um trabalho. Nenhum pregador se aposenta dela.

Ministério: Quais são seus planos para esta nova fase de sua vida pastoral?



Bullón: Tenho campanhas evangelísticas programadas em outras Divisões até o ano 2012. Durante todos estes anos em que servi à Divisão Sul-Americana, tive permissão para visitar outras Divisões; porém, por motivos óbvios, não pude fazer mais. Por outro lado, tenho compromissos editoriais e quero dedicar a maior parte do tempo à tarefa de escrever. A página impressa é um púlpito poderoso, de onde se pode alcançar milhões de pessoas.

Ministério: O ostracismo parece ser o fantasma da jubilação. O senhor pensa nisso?

Bullón: Acho que ostracismo é algo relativo. Depende da consciência do que é o ministério pastoral. Estou me retirando das fileiras dos obreiros regulares, não do ministério de Deus. E para desenvolver esse ministério, não necessito que alguém reconheça isso. O que importa é que nossa vida esteja a serviço de Deus. A pergunta que começo a me fazer agora não é: O que a igreja pode fazer para eu me

sentir “lembrado”, mas, o que posso continuar fazendo para concluir a missão que Jesus confiou ao Seu povo?

“Não estou me retirando do ministério de Deus. O que importa é que nossa vida esteja a serviço d’Ele”

Ministério: *Multidões incontáveis, em todo o mundo, têm sido grandemente abençoadas por sua pregação. Qual é o seu segredo? Como prepara suas mensagens? Em que fonte o senhor bebe, da qual outros também precisam beber?*

Bullón: O segredo está em reconhecer que não sou nada mais que um simples instrumento nas mãos de Deus. Essa minha insuficiência me levou sempre a buscar forças na única fonte de poder que é Jesus. Não passo de um ser humano fraco e necessitado. Nunca terei palavras suficientes para agradecer a Deus por Sua maravilhosa graça. Minha fraqueza me leva a Jesus. É em Sua Palavra que encontro saída para meus problemas. Descobri que os outros seres humanos são iguais a mim e têm os mesmos problemas que eu tenho. Então, tudo o que fiz ao longo do meu ministério foi apresentar às pessoas as soluções de Jesus para minha vida, e isso deu resultado.

Ministério: *O senhor modificou o panorama da pregação adventista na América do Sul, a partir dos anos 80, com sua ênfase em Cristo e na justificação pela fé. Quais foram os caminhos que trilhou para chegar a esse ponto? Houve algum pregar que lhe tenha servido de modelo?*

Bullón: “O que é justificação pela fé?”, pergunta Ellen White, para, em seguida, responder: “é a obra de Deus que joga no chão a glória do homem e faz por este o que ele é incapaz de fazer por si próprio.” Bem, desde que comecei a ter noção das coisas, sempre quis fazer a

vontade de Deus e andar em Seus caminhos. Tive lutas terríveis, escorreguei, me machuquei, mas foram essas minhas derrotas que me levaram a estudar a Bíblia e os livros de Ellen White, em busca de solução. *Caminho a Cristo* é meu livro de cabeceira até hoje. Nele, achei confirmados os conceitos que encontrei na Bíblia e comecei a pregar, com força, essa mensagem. Fiz isso com tanta força que muita gente se assustou e se recusou a aceitar o fato de que no “manto da justiça divina, não há sequer um fiapo de participação humana”.

Ministério: *De que maneira o senhor administrou a questão dessas pessoas “assustadas” e como as conquistou?*

Bullón: A igreja me colocou na função de evangelista. Minha primeira responsabilidade era alcançar o coração de pessoas que não conheciam a mensagem. O que devia pregar para elas, se não o ABC do cristianismo? Para muita gente antiga na igreja, inicialmente, isso parecia ser algo repetitivo, “água com açúcar”, “superficial”. Contudo, o que Jesus fez por nós, na cruz, não é a essência do evangelho? Pode o evangelho ser superficial? Foi “água com açúcar” o que aconteceu no Calvário? Hoje, acredito que as pessoas já viram os resultados, milhares de indivíduos transformados por Cristo, em todo o mundo; e, contra os fatos, não há argumentos. Outro dia, encontrei um colega que me disse: “Bullón, fui uma das pessoas que tinham reservas com relação à mensagem que você prega, mas, em um momento de dor, quando eu não sabia, literalmente, o que fazer nem para onde ir, foi um sermão seu que me levou a Jesus.” Apenas o abracei e agradei a Deus.

Ministério: *Nas grandes concentrações de que o senhor participa, além do púlpito, seu contato direto com o povo é raro. Há uma razão específica para esse hábito?*

Bullón: Acabei de ler, recentemente, um artigo do pastor David Marshall, publicado na revista *Adventist World* (outubro, 2007), cujo título é “A cultura da celebridade”. É pena que eu não possa reproduzi-lo na íntegra nesta entrevista. O ser humano gosta de fabricar “ídolos” de barro e os “ídolos” gostam de ser idolatrados. Acho que optei por um caminho quase incompreendido pela “cultura da celebridade”, mas este é o caminho mais saudável

para a igreja. Todavia, o fato de não ficar à porta dando autógrafos, tirando fotografias nem recebendo tapinhas nas costas, não significa que não gosto das pessoas. A igreja é o objeto mais precioso para Deus e para mim. Vivo por ela e para ela, me consumi pela igreja durante todos estes anos, sem medir esforços. Viajei noites inteiras, preguei três e até quatro vezes ao dia, nas famosas Caravanas da Esperança, por exemplo. Recebo cartas e, na medida em que o tempo permite, as respondo, atendo chamadas telefônicas, e até procuro pessoas em necessidade espiritual, para ajudá-las. É daí que tiro ilustrações para a pregação.

Ministério: *Outra nova página que o senhor ajudou a escrever na história da igreja, na América do Sul, refere-se ao evangelismo. Hoje, ele está menos centralizado em uma pessoa e mais direcionado ao envolvimento de toda a igreja. Fale sobre essa experiência.*

Bullón: A igreja sempre realizou evangelismo público, no decorrer de sua história. Evangelismo é a razão de nossa existência. O pastor Robert Pierson, falecido presidente da Associação Geral, dizia que a igreja que esquece o evangelismo coloca uma faca na própria jugular. Mas, a pergunta é: O que é evangelismo? Resposta: proclamação do evangelho. Muito bem. Nas primeiras décadas de nossa história, a maioria das cidades não estava evangelizada. Nelas, não havia membros de igreja. Como poderíamos evangelizá-las? Ellen White dizia: “O Senhor deseja que proclamemos, com poder, a mensagem do terceiro anjo, nestas cidades. ... Tudo quanto podemos fazer é escolher homens capazes e instar que vão a tais lugares de oportunidade e lá proclamarem a mensagem” (*Evangelismo*, p. 40). Porém, hoje, quando já temos a presença adventista em muitos municípios, o conselho é: “Ao trabalhar em lugares onde já se encontram alguns na fé, o ministro deve não tanto buscar, a princípio, converter os incrédulos, como preparar os membros da igreja para prestarem cooperação proveitosa. Trabalhe com eles individualmente, tentando despertá-los para buscarem, eles próprios, experiência mais profunda, e trabalhem por outros” (*Obreiros Evangélicos*, p. 196). A instrução é clara. Um método não exclui o outro. Como estabeleceremos a igreja onde não exis-

tem membros? Com um evangelista tradicional e sua equipe de instrutores. É como trabalhar onde já existem crenças, fazendo evangelismo de colheita. É aberração fazer evangelismo de colheita (uma semana) onde não foi realizado o trabalho prévio de sementeira e cultivo. Como podemos batizar alguém que conheceu o evangelho há uma semana? Existem pessoas achando que o evangelismo de colheita substitui o tradicional de seis semanas. Não é assim. Cada um tem seu lugar, dependendo do local em que é realizado. Todo Campo deve ter uma equipe de evangelismo tradicional, para penetrar em lugares novos. Porém, onde já existe presença adventista, é um pecado deixar os membros sentados e pagar instrutores bíblicos, com o fim de alcançar um alvo.

Ministério: *Quais eram os grandes desafios da igreja, quando o senhor iniciou seu pastorado, e quais são, a seu ver, os maiores desafios de hoje?*

Bullón: Por incrível que pareça, os desafios do pastor, quando iniciei meu ministério, eram os mesmos de hoje, porque o ser humano continua o mesmo. A tecnologia pode ter sofisticado o mundo, mas a natureza pecaminosa não mudou. Levar cada membro da igreja a uma experiência de vida com Jesus sempre foi, e será o desafio de todo pastor. O caminho natural é cair na mediocridade religiosa que, às vezes, pode se tornar cinismo espiritual. Como despertar a igreja e prepará-la para a volta de Cristo? Esse é o grande desafio. Contudo, para termos uma igreja espiritual, é preciso que haja ministros espirituais. Portanto, meu grande desafio, como pastor, é ser um homem espiritual. A igreja será o reflexo natural dessa experiência.

Ministério: *De que modo podemos enfrentar com êxito o secularismo, reverter a dissidência e o aparente descrédito de algumas pessoas na liderança da igreja?*

Bullón: Respondo com outra citação de Ellen White: “Os cristãos, cujo zelo, fervor e amor crescem constantemente, não apostatam nunca. São aqueles que não se acham empenhados nessa obra desinteressada os que se acham numa condição enferma, e chegam a esgotar-se com lutas, dúvidas, murmurações, pecados e arrependimentos, até perderem toda a consciência do que seja verdadeira

religião. Reconhecem que não podem volver ao mundo, e assim penduram-se às extremidades de Sião, tendo cíúmes mesquinhos, invejas, decepções e remorsos. Estão cheios de espírito de crítica, e alimentam-se das faltas e erros de seus irmãos” (*Serviço Cristão*, p. 107). A única solução é levar cada membro da igreja a orar mais, estudar a Bíblia diariamente, e trabalhar permanentemente para levar alguém a Cristo. Não é apenas um sermão, ou um artigo, que vai mudar a situação. Precisamos levar cada cristão a uma experiência pessoal com Cristo. Isso só será possível, quando oração, leitura da Bíblia e testemunho se tornarem o dia-a-dia de nossos irmãos.

“Um homem de Deus é aquele que O busca todos os dias, através da oração, do estudo da Bíblia e da meditação”

Ministério: *Qual foi o fato que o deixou mais feliz, em todos estes anos de trabalho?*

Bullón: Ver, hoje, uma igreja mais feliz. Ver, em alguns países da América do Sul, os membros da igreja mais comprometidos com a missão, por entenderem que levar pessoas a Cristo é parte da experiência cristã saudável.

Ministério: *Existe alguma frustração?*

Bullón: Descobri, somente há pouco tempo, que Deus não planejou que Seus filhos vivessem isoladamente, mas em duplas: um animando o outro, a força de um suprindo as fraquezas do outro. Sempre consideramos a ordem de Cristo aos setenta, no sentido de irem dois em dois, para organizar duplas missionárias. Mas Ele estava falando de estilo de vida. A igreja devia viver de dois em dois, porque um é o nível do desânimo,

da apostasia e da inoperância. Satanás nunca poderia ter derrotado o ser humano, se Adão e Eva não estivessem momentaneamente separados. Se posso dizer que tenho alguma frustração, é ter compreendido isso quase na hora de ir embora.

Ministério: *O que o senhor faria novamente, se tivesse tempo e oportunidade?*

Bullón: A campal de Jovens Adventistas, em Itabuna, BA, em 1986. Foi uma experiência marcante para os dez mil jovens ali reunidos. Praticamente, construímos uma cidade; depois, desmanchamos tudo e devolvemos o terreno. Até hoje, encontro pessoas que dizem: “Foi em Itabuna que minha visão de cristianismo mudou”. O Projeto Sol, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, em agosto de 1987, também foi outro evento marcante. Até então, a igreja adventista, no mundo, não tinha imaginado ser possível fazer evangelismo em estádios para milhares de pessoas. Hoje, é quase comum ver campanhas desse tipo em diferentes países.

Ministério: *O que o senhor não faria novamente?*

Bullón: Dar a impressão de que o tema da justificação pela fé era uma espécie de chicote contra os legalistas. Já pedi perdão a Deus e à igreja por isso. Embora, às vezes, eu ache que naquela época qualquer modo de apresentar o assunto suscitaria reações. Eu era jovem, não estava pregando nada novo. Mas, a ênfase na graça maravilhosa de Cristo feriu muita gente sincera que depositava na conduta sua confiança na salvação. A justiça de Cristo era considerada óbvia. Infelizmente, o óbvio é quase sempre esquecido, por ser óbvio.

Ministério: *A esta altura, que conselho gostaria de dar ao pastorado adventista da América do Sul?*

Bullón: Você e eu somos pastores, apenas na medida em que somos homens de Deus. Um homem de Deus é aquele que O busca todos os dias, através da oração, do estudo da Bíblia e da meditação. Se o pastor separar tempo diário para Deus, não é porque isso seja natural, mas porque é indispensável. Se não o fizer, será apenas um profissional. Poderá até ser bom profissional, mas apenas isto: profissional. Esse não é o tipo de pastores que Deus e a igreja precisam. ❧

Perigo.com

Por que muitos sucumbem à tentação virtual e o que é possível fazer para superá-la



Donilde A. Chagas

Coordenadora da Afam na Associação Amazônia Ocidental

AFAM

Ao criar o ser humano, Deus, em Sua bondade, sabedoria e amor, concedeu-lhe atributos de Sua personalidade: “Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem. À imagem de Deus o criou...” (Gn 1:27). Inicialmente, o primeiro casal não tencionava desobedecer a Deus, na restrição feita quanto a comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque o Senhor dissera: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:17). Entretanto, como sabemos, o inimigo astuto, tomando a forma de uma serpente, seduziu a mulher, que desobedeceu à ordem divina e levou o esposo a fazer o mesmo.

Embora Adão e Eva não tenham morrido fisicamente ao desobedecerem, algo neles morreu. Morreu a perfeição, a vontade de fazer somente o bem; morreu a tendência de obedecer incondicionalmente a Deus, bem como de incorporar todos os valores que lhes foram concedidos. Afinal, sua natureza, antes imaculada, corrompeu-se. Com isso, aflorou a natureza carnal, que tende a dominar os sentimentos e impulsos, originalmente implantados para o bem e felicidade dos seres criados.

Assim, como descendentes do primeiro par, recebemos um duplo legado para administrar. Um é positivo: a consciência de que ainda somos filhos de Deus, podendo amá-Lo, desejá-Lo e tê-Lo conosco, pois Sua imagem foi deturpada, mas não totalmente perdida em nós. Podemos permitir que, por Sua graça e em Seu poder, Ele resgate plenamente em nós essa imagem. Em contrapartida, temos a herança negativa, ou seja, a propensão para, eventualmente, nos afastarmos dEle e enveredarmos pelos caminhos que nos levam a experimentar dolorosas feridas, mágoas, culpa e vergonha.

Hoje, como ontem

Com a mesma sagacidade utilizada no jardim do Éden, Satanás tem trabalhado cada vez mais intensamente para explorar essa última faceta de nossa natureza humana, com o objetivo de nos le-

var à queda. E parece que o campo da sexualidade é seu alvo predileto. Nesta época de alta tecnologia, ele não tem economizado esforços em criar novas formas de sedução e engano. Colocando-nos diante de um computador e facilitando anonimato e privacidade, ele sabe que pode nos captar para seus propósitos.

De início, é importante deixarmos bem claro que a tecnologia em si não é má, nem “coisa do diabo”. Nela, o evangelho encontra um aliado fortíssimo para sua propagação até aos confins da Terra, de forma rápida e econômica. A internet, com seus vastos recursos – e-mails, msn, salas de bate-papo, TV digital – é muito útil para pregar a mensagem que nos foi confiada e agilizar a comunicação administrativa da igreja. Contudo, seu uso deve ser criterioso e dirigido pelo domínio próprio. Para isso, necessitamos de vigilância constante e auxílio de Deus, porque temos uma natureza carnal que clama por satisfação lasciva e sedução.

É por falta desse domínio, adquirido e mantido na dependência divina, que algumas vezes somos surpreendidos com a informação de que talentosos pastores, e até esposas, foram arrastados pela enxurrada de imoralidade virtual. Perderam-se no horizonte privativo e supostamente anônimo que se abriu diante deles, no qual foram levados a expor sentimentos e desejos inconfessáveis, sem mostrar o rosto, colocando em jogo seu bom nome e seu futuro. Em uma viagem, na solidão de um hotel, no momentâneo ócio durante o dia, na ausência do cônjuge e dos filhos, o admirado pregador, o bom esposo e a boa esposa se descobrem laçados pela sedução virtual. Depois, restam apenas o vazio, o sentimento de culpa e autodesvalorização, o sofrimento, a frustração e a tristeza.

As causas

Na busca de solução do problema, não podemos dispensar a prevenção. As vítimas da imoralidade virtual não são necessariamente indivíduos

sem caráter, incorrigíveis. São apenas seres humanos, herdeiros de uma carga genética não raro marcada por mágoas antigas, necessidades primárias de amor, cuidado e atenção, rigidez em excesso na educação doméstica, ingredientes esses que transtornam a personalidade de qualquer indivíduo, seja ele trabalhador braçal, burocrático, intelectual, ou pastor.

Somos seres possuidores de características herdadas dos nossos antepassados e, à medida que crescemos, desenvolvemos traços de personalidade que formam nosso caráter. Esse processo diário de construção do caráter remonta aos primeiros anos da existência, pois, segundo Alice Lowe, “nunca, durante qualquer período de sua vida posterior, uma pessoa aprenderá tão depressa e tanto como durante seus primeiros anos” (*Como Formar Pequenos Cristãos*, p. 11). Esses primeiros anos fixam raízes que influenciarão muito as atitudes na fase adulta. Por essa razão, muitos dos nossos atos são determinados por lembranças impressas em nosso inconsciente. São lembranças que nos levam a ter atitudes contrárias ao estilo cristão de vida, a tudo o que cremos, sabemos ser correto e desejamos colocar em prática. Aliás, Paulo viveu esta experiência: “Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7:18, 19).

A sequóia é uma bela e gigantesca árvore existente nos parques da Califórnia. Quem desejar conhecer sua história só precisa cortá-la e ver os anéis que revelam o seu desenvolvimento a cada ano. Um deles, por exemplo, revela um ano de extrema estiagem; outro revela vestígio de um incêndio que quase ceifou a árvore. Outro fala de um ano em que choveu bastante, e assim sucessivamente. Da mesma forma acontece conosco. Bastam apenas alguns “centímetros” abaixo da casca que protege a máscara dissimuladora, e encontraremos registrados os anéis que formam nossa vida. Nosso comportamento é bem mais permeado por registros em nosso consciente e nosso inconsciente do que podemos imaginar.

Como família pastoral, precisamos ter em mente que nossa posição na igreja não nos garante, por si mesma, o controle de todas as nossas tendências herdadas e cultivadas. Infelizmente, não. Tentar controlar sentimentos recalçados, por nós mesmos, é tão inseguro como tentar segurar uma bola dentro da piscina. Você a empurra para baixo, pressionando-a para mantê-la sob a água, mas quando menos espera, a bola escorrega, fugindo ao seu controle. E quanto mais submersa, ou “recalcada” ela estiver, mais alto saltará.

A fim de controlar nossos sentimentos e impulsos deturpados, precisamos reconhecer nossas limitações e clamar o auxílio divino. Como Paulo: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7:24, 25). Ou, como Davi: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas” (Sl 19:12).

A solução

Todos quantos desejarem podem ser livres da compulsão de qualquer vício, incluindo a sexualidade virtual que hoje invade o santo arraial de Deus. O primeiro passo em direção à vitória é o reconhecimento do problema. Não adianta fingir que a tentação não existe, pois ela pode atacar os melhores entre nós. Em seguida, deve-se buscar imediatamente ajuda especializada, com um psicólogo cristão. E que não haja tentativa de racionalizar ou temporizar. Não se trata simplesmente de controlar a vontade; pois, embora todos desejemos viver a pureza que pregamos, as quedas sucessivas podem roubar energias.

Caro pastor e querida colega esposa de pastor, lembrem-nos de que somos um projeto de Deus. “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, ... Então, Me invocareis, passareis a orar a Mim, e Eu vos ouvirei. Buscar-Me-eis e Me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jr 29:11-13).

O Senhor espera que Lhe entreguemos nosso fardo (1Pd 5:7), para que sejamos libertos. Podemos, então, submeter a Ele nossos traumas, carências, tristezas e lembranças do passado, as decisões do presente e as expectativas do futuro. Ele terá cuidado de nós. Não nos esqueçamos jamais de que “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20). Ninguém precisa ser derrotado.

O sentimento de culpa, Ellen White escreveu, “tem de ser deposto ao pé da cruz do Calvário. O senso de pecaminosidade envenenou as fontes da vida e da verdadeira felicidade. Agora Jesus diz: Depõe tudo sobre Mim. Eu levarei teu pecado. Dar-te-ei paz. Não destruas por mais tempo teu respeito próprio, pois Eu te compreí com o preço do Meu próprio sangue. Tu és Meu, tua vontade enfraquecida Eu fortalecerei; teu remorso pelo pecado Eu removerei” (*Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 2, p. 451).

Deus nos chamou para ser vencedores. NEle, podemos tudo. ❀



A terapia do púlpito



Larry Yeagley

Pastor jubilado, ex-capelão, reside em Gentry, Arkansas, Estados Unidos

Os membros da igreja enfrentam problemas demais, durante a semana. O culto deve ser uma fonte de conforto, ânimo e esperança

“**C**ontra quem você está aborrecido?”, perguntou-me um visitante, recebendo meu cumprimento, enquanto eu despidia os adoradores após o culto. E saiu apressado, antes que eu tivesse chance de responder. Fiquei pensando naquela pergunta, durante muitas semanas. Finalmente, resolvi buscar todos os esboços de sermões que eu tinha pregado antes e que, porventura, ainda estivessem arquivados. De qualquer modo, não eram muitos, no início do meu pastorado. E os examinei muito detalhadamente. Tentei lembrar meu tom de voz, as expressões faciais e emoções reveladas durante a entrega de cada mensagem. Dolorosamente, cheguei à conclusão de que a pergunta do meu estranho interlocutor fazia sentido.

O escrutínio me revelou que minha voz era antinatural, autoritária, não conversacional, às vezes muito alta, e soava irada. Imediatamente depois disso, li a respeito de um pregador escocês que recomendava aos pregadores falarem como moribundos a moribundos. Também freqüentei aulas ministradas por um capelão de hospital, nas quais aprendi sobre a pregação terapêutica. Absorvi cada palavra daquele professor, porque meus sermões, até então, tinham sido qualquer coisa menos terapêuticos. E eu estava deseioso de mudar.

Como começar

Ouçá seus sermões em um gravador, CD, ou assista-os em DVD ou fita de vídeo, caso lhe seja possível utilizar esses recursos. Enquanto estiver ouvindo, ou assistindo, coloque-se no lugar de algum ouvinte que esteja enfrentando tempos difíceis, em sua congregação. Imagine que você perdeu um filho em um acidente. Tente se pintar recentemente divorciado ou rejeitado pelo namorado, ou namorada. E faça a você mesmo perguntas duras: Acaso, este sermão transmitiu esperança? O tom da minha voz foi agradável? Por que falei tão alto? Por que, às vezes, empreguei uma tonalidade tão áspera? Ralhei com os ouvintes? Quão prático foi este sermão? Algum ouvinte foi levado a buscar meu aconselhamento, depois de ouvi-lo? Usei palavras ríspidas? Fui crítico? Eu sabia que tinha de me fazer interrogações como essas, se de fato quisesse passar a pregar de modo terapêutico.

Conheça sua congregação

A visitação pastoral é muitíssimo importante. Seus sermões nunca poderão ser terapêuticos, se você não conhecer os membros de sua igreja e eles não tiverem desenvolvido relacionamento de confiança com você. Afinal, você não deve continuar buscando um médico, se esse médico nunca o examinou nem avaliou seus sintomas. Sem diagnose, qualquer modalidade de tratamento é inútil. Tampouco você pode pregar sermões terapêuticos, se não conhecer as lutas das ovelhas sob seus cuidados.

Uma amiga minha foi à igreja, na semana em que sua mãe faleceu. Ela desejava receber conforto para sua dor. Porém, o pastor sermoneou sobre modéstia no vestuário. Ele não tinha a menor idéia de que minha amiga estava enlutada, embora ela fosse

membro de sua congregação. Seu pastor a teria encorajado se falasse como moribundo a um moribundo. Uma mulher que sofre, por qualquer motivo, não está preocupada com o estilo de roupas.

Não recite os males do mundo

Tive a oportunidade de ouvir um sermão, uma semana depois do massacre na Universidade Virgínia Tech, em Blacksburg, Virgínia, Estados Unidos. A maior parte desse sermão foi uma repetição das injustiças da década passada. O pregador nos lembrou de que a vingança pertence a Deus, mas ele perdeu o alvo. Não expôs nenhum pensamento concreto a respeito de alguém se adaptar às tragédias. Se o parente de alguma vítima do massacre da Universidade estivesse na congregação, certamente voltaria para casa vazio.

Todos os dias da semana, os membros da igreja são bombardeados por dificuldades sem conta. Enfrentam chefes de trabalho cruéis, clientes exigentes, o carro quebra, a instalação hidráulica da casa apresenta defeito, as crianças brigam e choram sem parar, alguns chefes de família são despedidos do emprego, os impostos aumentam, casamentos entram em turbulência. O sábado é um oásis. O culto deveria ser uma fonte de consolo, fortalecimento e encorajamento.

A repetição das notícias sobre os desastres do mundo tem pouca utilidade para reanimar pessoas que experimentaram seus próprios desastres durante a semana que passou.

Transmita esperança

Salomão disse: “A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida” (Pv 13:12). Em seu livro *The Anatomy of Hope* [Anatomia da Esperança], o médico Gerome Groopman escreveu: “Para todos os meus pacientes, esperança, verdadeira esperança, tem se demonstrado tão importante como qualquer medicamento que eu prescreva ou procedimento que eu possa implantar.” Ele continua dizendo que “ter esperança, vir a crer, é tão vital para nossa vida como o oxigênio que respiramos” (p. 14, 208).

A esperança tem sido chamada de “nutrição emocional”, mas eu a chamo de “nutrição espiritual”. Todo pregador deveria ser especialista em ministrá-la do púlpito, não como um pseudo-psi-

quiatra, mas como um pastor familiarizado com a Palavra de Deus.

Deixa-me intrigado a atitude de certos pastores durante a realização de funerais. Em muitas dessas ocasiões, tenho ouvido pregadores falando de “celebração da vida”. Logo em um funeral? Eles não entendem a necessidade do sofredor enlutado, ignoram que a esperança germina no solo da tristeza e da lamentação.

Os pregadores têm obrigação de ler sobre problemas emocionais

Certa mãe perdeu sua filhinha, depois que o bebê permaneceu durante três anos, na unidade de tratamento neonatal intensivo, num hospital em que servi como capelão. Durante aquele período, todos os dias ela ia à unidade, e estendia os braços pela capa especial de oxigênio, para tocar sua filhinha, sempre sonhando com o dia em que a levaria para casa. Esse dia nunca chegou.

Era solteira e se dirigiu sozinha para o funeral. O pastor começou a cerimônia dizendo o seguinte: “Amigos, este não é tempo para chorar. É ocasião para celebrar!” A pobre mãe estava imolando-se para não chorar, depois dessa afirmação desastrosa. Quando o sepultamento terminou, ela voltou para casa sozinha, dirigindo seu carro. Mas, as enfermeiras a seguiram até sua casa. Lá, gastaram algum tempo em confortá-la. E lhe disseram: “Marta, esteja pronta amanhã às dez horas. Nós viremos buscá-la e levá-la ao hospital, onde realizaremos um funeral de verdade”. E assim foi.

Na cerimônia realizada pelas enfermeiras, cada uma delas levou uma rosa branca ao altar da capela. Alguém leu um poema que elas escreveram sobre o bebê de Marta. Outras cantaram, ou falaram alguma coisa interessante sobre sua convivência com o bebê. Não havendo “proibição” para chorar, Marta extravasou seus sentimentos, sem desespero. No fim da cerimônia, as rosas foram ajuntadas e amarradas com um lindo laço. As

enfermeiras levaram a chorosa mãe ao cemitério e colocaram as rosas sobre a sepultura. Da profundidade das sombras, surgiu um amanhã esperançoso.

Aconselhamento preventivo

A Bíblia é uma fonte inesgotável de recursos para abordagem de problemas como solidão, sofrimento, mágoa, ira, preocupação, ansiedade, dificuldades financeiras, doença, baixa auto-estima e conflito de valores. Ela contém histórias e princípios com potencial preventivo e terapêutico. Na verdade, responde a perguntas que as pessoas estão fazendo. A pregação sobre problemas da vida diária, fundamentada nas Escrituras, pode funcionar como aconselhamento em grupo. Apesar disso, nunca deve substituir a visita pessoal a uma pessoa que enfrenta crise.

Se você tiver a felicidade de ter um psiquiatra ou psicólogo em sua congregação, pode lhe solicitar ajuda no preparo de um sermão. Peça-lhe sugestões de frases que podem ajudar, ou prejudicar, pessoas com problemas. Obviamente, evite as que forem prejudiciais. Paulo disse que devemos falar a verdade em amor (Ef 4:15).

Os pregadores têm obrigação de ler sobre problemas emocionais. A vida pastoral é uma experiência de aprendizado constante. Educação contínua é vital para a pregação terapêutica.

A recompensa

Certo dia, escolhi pregar sobre conforto e usei o texto de 2 Coríntios 2:1-10. Falei sobre o sofrimento e como o conforto de Deus é um processo gradual, seguro, para aqueles que esperam no Senhor. Anos depois, encontrei uma mulher que visitou a igreja no dia em que preguei. Ela me disse: “Inicialmente, eu não entendi porque resolvera ir àquela igreja naquele sábado. Mas quando vi o título do seu sermão no boletim, logo entendi. Eu acabara de ter uma grande perda e estava no limite do desespero. Naquele dia, saí da igreja certa de que a vida, apesar de tudo, vale a pena.”

Sou grato a Deus por aquele estranho interlocutor, que me levou a reavaliar meus sermões. Agradeço-Lhe por me haver ensinado a pregar terapêuticamente. São muitas as recompensas que lhe virão, quando você pedir a Deus que o ajude a confortar Seu povo. E haverá surpresas na eternidade. ☪

As setenta semanas e os 2.300 anos



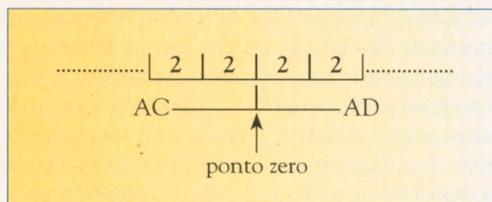
José Carlos Ramos

Professor de Daniel
e Apocalipse no
Seminário Teológico
do Unasp, Engenheiro
Coelho, SP

*O Calvário e
a matemática
se unem para
comprovar
a exatidão
de Deus no
cumprimento de
Seus propósitos
de salvação*

Alguns estudiosos se surpreendem quando subtraem 457 (a data antes de Cristo da saída da ordem para restaurar Jerusalém) de 2.300 e notam que não atingem, como supunham, o ano 1844 como data terminal da profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14. Nesse tipo de cálculo, o resultado óbvio é 1843.

Há duas formas de se resolver o impasse. A primeira é considerar a questão do ano zero na transição da era pré-cristã para a cristã. O ano zero nunca é considerado para cômputo cronológico; ele é apenas o ponto de referência intermediário no término de uma era e começo da outra. Terminado o último ano antes de Cristo, tem início imediato o primeiro ano depois de Cristo:



Assim, o ano zero não existe. Saímos de 1 a.C. e já entramos em 1 a.D. Se você, por exemplo, simplesmente subtrair dez de dez, para saber em que ano se encontrará dez anos depois de 10 a.C., o resultado será uma impropriedade, pois $10 - 10 = 0$, ano inexistente. Você terá que somar um ao zero, para saber a que ano chegou. Da mesma forma, se subtrairmos 457 de 2.300, para ver em que ano da era cristã chegamos, teremos que somar um ao resultado, a fim de obtermos a resposta correta.

Precisão matemática

Outra solução é converter a data inicial (457 a.C.) em número de anos, o que traz a vantagem de se estabelecer o tempo com precisão matemática. De fato, não se pode simplesmente extrair data de um montante de anos, para se chegar a um resultado preciso. Para tanto, é exigido que de um montante de anos se extraia outro montante de anos, pois data e número de anos não se equivalem, exceto quando, no caso de uma data antes de Cristo, o ano, relativo a essa data, estiver, todo ele, ainda por transcorrer.

Tomando o exemplo acima, admitamos que desejamos saber onde chegaremos, se contarmos dez anos a partir de 1º de julho de 10 a.C. Note que 10 a.C. é o ano de referência, ou data, não número de anos, que, nesse caso, são nove mais seis meses, ou $9\frac{1}{2}$ anos (exatamente o tempo a transcorrer até a conclusão da era pré-cristã, partindo do início de julho de 10 a.C.). Então, é só subtrair $9\frac{1}{2}$ de dez, para sabermos com exatidão onde devemos chegar: $10 - 9\frac{1}{2} = 1/2$, ou seja, chegamos aí onde se completam os seis primeiros meses da era cristã, ou a 30 de junho/1º de julho de 1 a.D.

Assim, se desejamos saber com exatidão quando as setenta semanas e os 2.300 anos terminam, não podemos simplesmente subtrair 457 de 490 ou de 2.300, pelo fato de que o primeiro montante é uma data; e o segundo e o terceiro correspondem a número de anos. Como já foi dito, datas não se subtraem de número de anos. Temos, assim, de converter 457 a.C. em número de anos antes de Cristo, e então subtraí-los de 490 ou de 2.300, para chegarmos ao final correto dos dois períodos.

Cumprimento das setenta semanas

Esdras nos informa que o decreto que cumpre Daniel 9:25, marcando o início desses períodos, foi promulgado no sétimo ano do rei Artaxerxes (Ed 7:7), o que corresponde a 457 a.C. Ele também informa o dia e o mês em que, segundo as especificações do decreto, partiu para Jerusalém: 1^o de Nisan, chegando lá em 1^o de Ab, o quinto mês (v. 8, 9), quando faltava pouco tempo para as festas do outono, que incluíam o Dia da Expição, em 10 de Tishri.

Como o decreto fazia provisão para a liturgia do templo (v. 15-20), o que envolvia a celebração destas festas – e, para tanto, Esdras se fizera acompanhar de um grupo de pessoas ligadas ao serviço sagrado (v. 7, 13) –, certamente só aí, com a festa da Expição, o decreto entrou em pleno exercício. Tudo isso também significa que ainda faltava transcorrer 1/4 de 457 a.C. Considerando que o ano seguinte é 456, afirmamos que a referida data transformada em número de anos, equivale a 456 anos completos, antes de Cristo, mais 1/4 do ano anterior.

Assim, temos:

Data: 457 a.C. —————> número de anos a.C.: 456 + 1/4

Isso estabelecido, podemos subtrair número de anos de número de anos. Considerando que até o batismo de Jesus transcorreriam 483 anos (7 + 62 semanas X 7 dias/anos, Dn 9:25), temos: 483 - 456 + 1/4, ou 483 - 456 1/4. Essa conta, entretanto, nos oferece a dificuldade de extrairmos um valor com fração de um número inteiro. Este,

portanto, necessita ser transformado também num valor com fração. Já que estamos trabalhando com quartos, e considerando que um é o mesmo que 4/4, transformamos 483 em 482 + 4/4. Então, podemos fazer a conta e chegar com precisão à data correta.

Vejamos: $482^{4/4} - 456^{1/4} = 26^{3/4}$. Isso significa que, passados 26 anos completos da era cristã mais 3/4 do ano seguinte, 27, teria lugar o batismo de Jesus; ou seja, Ele foi batizado no outono de 27 a.D.

Temos, então:

Data: 27 a.D. —————> número de anos a.D.: 26 + 3/4

Embora não tenhamos qualquer indicação nos evangelhos quanto a em que altura do ano Jesus foi batizado, podemos crer, com base na previsão profética, que isso ocorreu por volta do Dia da Expição de 27, se não nesse próprio dia. É, no mínimo, interessante a idéia de que, na ocasião em que era escolhido o bode expiatório para ser sacrificado pelos pecados do povo, Jesus Se apresentou para ser batizado e começar Seu ministério terrestre. Ele disse a João Batista: "... assim, nos convém cumprir toda a justiça" (Mt 3:15).

Consideradas 69 das 70 semanas, resta a última. O anjo afirmou que, depois dessas 69 semanas, seria morto "o Ungido" (Dn 9:26). Essa afirmação é paralela à declaração de que "na metade da [última] semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares", do verso 27, numa relação de causa e efeito: a morte do Messias colocaria fim ao sistema sacrificial dos judeus. Esta é, precisamente, a mensagem do Novo Testamento. Ao Jesus morrer, todos os antigos sacrifícios encontraram seu cumprimento definitivo e perderam sua razão de ser. Em que pese o fato de os judeus, após a morte de Cristo, prosseguirem oferecendo sacrifícios, estes, de fato, não tinham mais qualquer sentido.

O primeiro evangelista descreveu, de forma dramática, a morte de Jesus simultânea com o rasgar, de alto a baixo, do véu que separava o lugar santo do santíssimo do santuário terrestre (Mt 27:51). E a epístola aos hebreus aborda, ainda com maior clareza, o

relacionamento tipo/antítipo entre os sacrifícios da antiga dispensação e o de Jesus. Como a luz faz com a sombra, o antítipo simplesmente havia absorvido o tipo.

Pois bem, o anjo afirmou que o Messias seria morto na metade da última semana, isto é, três anos e meio depois de ter sido batizado. Que essa foi a duração do ministério terrestre de Jesus, é deduzido dos evangelhos, principalmente o de João. Temos, então, que somar (pois já nos encontramos na era cristã) 3 1/2 a 26 3/4. Como estamos lidando com quartos, usamos 2/4 em lugar de 1/2.

Vejamos, então: $26^{3/4} + 3^{2/4} = 29^{5/4}$. Mas, 5/4 correspondem a 4/4, que é um inteiro, mais 1/4. Em outras palavras, 29 5/4 é igual a 30 1/4, o que significa que, quando tivessem passados 30 anos completos da era cristã mais 1/4 do ano seguinte, 31, Jesus seria morto. Ele foi crucificado, de fato, em 14 de Nisan, o dia da Páscoa (que corresponde a março/abril), quando 1/4 de 31 havia passado.

Assim, temos:

Data: 31 a.D. —————> número de anos a.D.: 30 + 1/4

Temos, então, que considerar mais 3 2/4 anos para chegarmos ao fim da última semana, o que significa chegar ao fim dos 490 anos. Somando 3 + 2/4 a 30 + 1/4, chegamos a 33 + 3/4 do ano seguinte, ou seja, quando tivessem passados 33 anos completos da era cristã, mais 3/4 do ano seguinte, 34, as setenta semanas chegariam ao fim.

Temos, então:

Data: 34 a.D. —————> número de anos a.D.: 33 + 3/4

Igualmente, não temos qualquer menção do Novo Testamento sobre quando Estevão foi morto, mas podemos estar certos, também com base na previsão profética, de que isso ocorreu por volta da festa da Expição de 34, quando chegou ao fim o período de oportunidade para os judeus, não como indivíduos, mas como nação. A partir

desse momento, o evangelho passou a ser levado a todas as nações, não havendo mais um grupo étnico específico que fosse considerado "povo de Deus". Este, agora, é a igreja, constituída de membros oriundos de todas as etnias, inclusive entre os judeus.

Gabriel afirmou também que o "Ungido" faria "firme aliança com muitos por uma semana" (Dn 9:27). Essa é a "nova aliança" estabelecida com o sacrifício de Jesus, e que incorpora todos os que crêem no evangelho, não importando a raça. Porém, quando foi dito que esta aliança seria feita "com muitos" e "por uma semana", o anjo estava se referindo aos muitos judeus (incluindo prosélitos) que aceitaram o evangelho entre 27 a.D. e 34 a.D, precisamente os limites desta última semana. Antes do apedrejamento de Estevão, nenhum gentio se tornou cristão.

É a partir especialmente da conversão de Saulo, ocorrida no mesmo ano, que o evangelho avançou pelo mundo.

Cumprimento dos 2.300 anos

Subtraindo 490 de 2.300 sobram 1.810, como o número de anos que devem transcorrer de 34 a.D. até o fim desse período. Somando, então, 1.810 a 33 e 3/4, chegamos a 1843 e 3/4, ou seja, quando passassem 1.843 anos completos da era cristã, mais 3/4 do ano seguinte, os 2.300 anos chegariam ao fim. Com efeito, o maior período profético registrado nas Escrituras se estende até outubro de 1844.

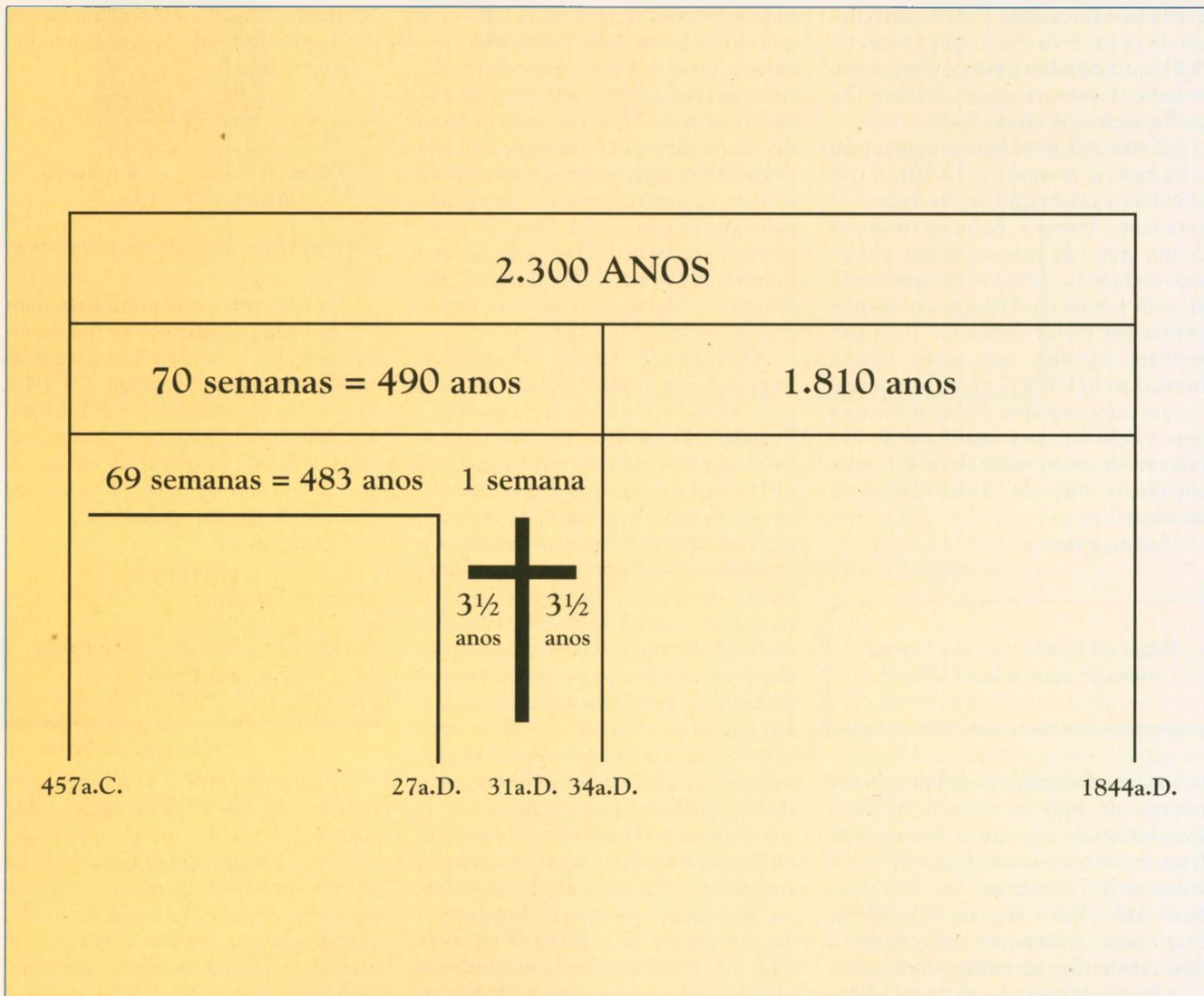
Assim, temos:

Data: 1844 a.D. ----- número de anos a.D.: 1843 + 3/4

Chega-se a esse mesmo resultado com uma contagem direta, isto é, sem passar pelas setenta semanas. Basta subtrair-se 456 1/4 de 2.300 (ou 2.299 3/4). Mas, não devemos desconsiderar as setenta semanas, pois com elas fica demonstrado que os 2.300 anos estão vinculados a Jesus, ou seja, Ele é o centro também desta grande profecia, como de qualquer outra da Palavra de Deus.

Estes cálculos, incluindo os 1.810 anos, podem ser visualizados no gráfico no fim da página.

Além do mais, o cálculo das setenta semanas, é voltado especialmente para o evento máximo da cruz, que comprova a exatidão do importante período das 2.300 tardes e manhãs. Assim, Calvário e matemática se aliam para comprovar a exatidão de Deus no cumprimento de Seus propósitos e na certeza de Sua salvação para a humanidade caída. 



Jejum sem fome



Dan Sems

Secretário ministerial da União Pacífico Norte, Estados Unidos

“Cumpre-nos buscar agora uma experiência profunda e viva nas coisas de Deus. Não temos um momento a perder”

Nossa igreja estava planejando um ano de evangelismo agressivo e eu sabia que necessitávamos obter sabedoria e direção de Deus, antes de qualquer outra coisa. Pedi ao nosso primeiro ancião que nos ajudasse a conduzir uma semana de oração e jejum. Ele me olhou um tanto assustado, como se quisesse perguntar: “Acaso, não iremos todos morrer de fome, se ficarmos uma semana sem comer?”

Antecipando-me a essa preocupação, eu lhe disse que o capítulo 58 do livro de Isaías nos diz que o verdadeiro jejum é mais que abstinência de alimentos. Minha idéia era pedir a Deus que nos impressionasse a “jejuar” de algum *hobby*, prática ou hábito rotineiro, de modo que tivéssemos mais tempo para comungar com Ele e realizar Seu trabalho. Eu tinha certeza de que o Senhor nos levaria a abster-nos de qualquer coisa que se mostrasse intrusa entre nós e Ele.

“Considerando que nunca fizemos isso antes, o que você sugere que façamos?”, perguntou o ancião. “Vamos fazer exatamente isso”, eu respondi. “Primeiramente, vamos pedir a Deus que nos mostre de que coisa nós devemos jejuar. Então, no primeiro sábado do mês, dedicaremos alguns minutos do período dos anúncios, para contar à congregação nossa experiência e desafiá-la a fazer o mesmo.”

“Posso fazer isso”, ele disse. Em acréscimo, lhe pedi que no segundo sábado também dedicasse tempo, a fim de que os irmãos pudessem testemunhar sobre o que Deus lhes proporcionasse durante a semana. Eles também deveriam ser aconselhados a telefonar para outros irmãos, ou se reunirem para oração e encorajamento mútuo. O sorriso estampado no rosto do ancião revelava a vibração com que acatou o projeto.

Mãos à obra

Finalmente, chegou o primeiro sábado. No momento certo, durante o desenrolar do programa, o primeiro ancião foi à frente e disse: “Estamos iniciando um novo ano. Como líderes da igreja, estamos convocando cada membro de nossa congregação para dedicar a próxima semana à oração e ao jejum. Isso não significa ter que ficar uma semana sem comer. Apenas peça a Deus que lhe mostre algum *hobby*, prática ou hábito a que você precisa renunciar, a fim de permanecer mais perto dEle, em comunhão. No próximo sábado, dedicaremos tempo para ouvir testemunhos a respeito do que Deus lhes proporcionará nesta semana. Podem se reunir em grupos de oração, ou telefonar uns para os outros, a fim de se animarem.”

Passou a semana e chegamos ao segundo sábado. Como fora anunciado, dedicamos algum tempo da programação para os testemunhos. Inicialmente, houve certa hesitação, mas algumas pessoas começaram a levantar a mão, solicitando o microfone sem fio, desejando partilhar suas experiências.

A primeira pessoa a falar foi um programador de computação. Disse ele: “Sempre tive como hábito acessar a internet antes de começar o trabalho, gastando diariamente pouco mais de meia hora na leitura das notícias. O Senhor me impressionou a suspender essa prática por uma semana e investir o tempo no estudo da Bíblia e na oração.

*“Agora e daqui por
diante até o fim do
tempo, deve o povo
de Deus ser mais
fervoroso, mais
desperto”*

Não foi fácil, no início, mas no fim da semana pude sentir quão incrivelmente magnífico foi passar algum tempo com Deus. Estou decidido a continuar fazendo isso.”

Uma senhora, no outro lado da nave, levantou-se e também testemunhou: “Deus me impressionou a suspender o uso do café por uma semana. Todos nós sabemos que esse produto não é benéfico à saúde, mas alguns de nós ainda fazemos uso dele. No terceiro dia, senti uma dor de cabeça horrível, que foi aliviada gradualmente. Estou decidida a permanecer livre do café, e planejo empregar o tempo extra e o dinheiro economizado para ajudar uma amiga que no momento está enfrentando grande crise.”

Depois de ouvirmos alguns testemunhos mais, o primeiro ancião me cochichou: “Acho que não devemos alongar os testemunhos. Você precisa de tempo suficiente para o sermão”, e eu lhe respondi que não se preocupasse comigo. O sermão daquele dia já estava sendo pregado, e o tema era a transformação operada por Deus naqueles corações e vidas.

Podemos fazer muitas coisas, a fim de preparar a igreja para o evangelismo e a colheita. Mas, naquela manhã de sábado, fiquei convencido de que aquela foi a melhor maneira de começar a campanha. Deus já tinha tocado o coração de todos quantos desejavam levar pessoas a Ele.

Tempo oportuno

“Estamos vivendo no período mais solene da história deste mundo. O des-

tino das imensas multidões da Terra está prestes a decidir-se. Nosso próprio bem-estar futuro, e também a salvação de outras almas, dependem do caminho que ora seguimos. Necessitamos ser guiados pelo Espírito da verdade. Todo seguidor de Cristo deve fervorosamente indagar: ‘Senhor, que queres que eu faça?’ Necessitamos humilhar-nos perante o Senhor, com jejum e oração, e meditar muito em Sua Palavra, especialmente nas cenas do juízo. Cumpre-nos buscar agora uma experiência profunda e viva nas coisas de Deus. Não temos um momento a perder. Acontecimentos de importância vital estão a ocorrer em redor de nós; estamos no terreno encantado de Satanás. Não durmais, sentinelas de Deus; o adversário está perto, de emboscada, pronto para a qualquer momento, caso vos torneis negligentes e sonolentos, saltar sobre vós e fazer-vos presa sua.”¹

“O Senhor nos deu a promessa: ‘Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada.’ É o plano de Deus, que os que têm responsabilidades se reúnam muitas vezes para se aconselharem entre

si, e orem pedindo aquela sabedoria que somente Ele pode comunicar. Façam menos; muito tempo precioso é perdido em conversas que não trazem luz. Reúnam-se os irmãos com jejum e oração em busca da sabedoria que Deus prometeu fornecer liberalmente. Levem ao conhecimento de Deus as vossas dificuldades. Digam-Lhe, como Moisés: ‘Eu não posso guiar a este povo, a não ser que a Tua presença vá comigo.’ E então, peçam ainda: ‘Rogo-Te que me mostres a Tua glória.’ Que é essa glória? – O caráter de Deus. Foi isso que Ele proclamou a Moisés.”²

“Agora e daqui por diante até ao fim do tempo, deve o povo de Deus ser mais fervoroso, mais desperto, não confiando em sua própria sabedoria, mas na sabedoria de seu Líder. Devem pôr de parte dias de jejum e oração. Pode não ser requerida a completa abstinência de alimento, mas devem comer moderadamente, do alimento mais simples.”³

O início do ano é ocasião excelente para convocar a igreja a buscar uma experiência de consagração a Deus. Descubri que uma semana de oração e jejum é um recurso maravilhoso para obtenção de poder e saúde espiritual, a fim de trabalharmos em favor da comunidade que nos cerca, encaminhando crianças, jovens e adultos para o reino de Deus. **M**

Referências:

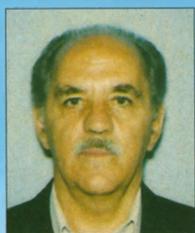
¹ Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 601.

² _____, Obreiros Evangélicos, p. 417.

³ _____, Eventos Finais, p. 82.



A infalível medida do sucesso



Rubén Pereyra

Ex-secretário ministerial da Divisão Sul-Americana, jubilado, reside na Argentina

Divulgação

Nem grandeza institucional, nem prestígio mundano, nem abastança financeira. Deus tem outro critério para medir o êxito de Sua igreja e Seu ministério

Em nossa comunidade, um grupo de crentes se reúne todas as segundas-feiras à noite, para estudar a realidade do Espírito Santo e orar por Seu derramamento. Nessa localidade, as instituições da igreja são grandes, prósperas e florescentes. Existem cinco expressivas congregações. Diante disso, será necessário continuar orando pelo derramamento do Espírito Santo? Por outro lado, o sucesso experimentado é fruto do trabalho do Espírito Santo? Aliás, em nosso contexto, o que é, verdadeiramente, sucesso?

Empresas como McDonalds, Shell, organizações bancárias e tantas outras instituições de sucesso não promovem reuniões de suas diretorias, para suplicar a bênção do Espírito Santo. Na verdade, existem empresários de êxito que são ateus. A pergunta é: Por que eles não necessitam do Espírito Santo para ter sucesso, e nós necessitamos?

As diferentes igrejas cristãs sempre lutaram e continuam lutando para conseguir sucesso no desenvolvimento de sua missão. Dean Kelley faz uma profunda análise do fenômeno ocorrido na maioria das igrejas protestantes dos Estados Unidos na década de 60, quando o número de membros, que crescia de forma constante, começou a decair. “Em cada uma das diferentes denominações, a forte curva ascendente enfraquece, vacila e cai como um foguete apagado”, Kelley afirma, e o ilustra com gráficos que são claríssimos. Não apenas houve uma queda no número de membros, mas também na construção de templos, nas publicações, no envio de missionários. E o fator mais dramático foi a queda na credibilidade das igrejas. Segundo estatística apresentada por Kelley, em 1957, 14% dos entrevistados afirmaram que a religião estava perdendo influência. Os anos seguintes mostraram um aumento gradual dessa desconfiança: Em 1962, 31%; em 1965, 57%; em 1967, 57%; em 1968, 67%. Qual será a situação nestes dias?

Como era de se esperar, esse fenômeno assustou muitos líderes, os quais se dedicaram a buscar soluções. Kelley conta a respeito de uma reunião da qual participou e em que foram discutidas alternativas para mudar a situação. Entre as sugestões apresentadas, estavam a realização de festas dançantes, maior ecumenismo, luta por justiça social e, pasmem, abrandamento das normas cristãs!

Igreja-empresa

De fato, muitas soluções já foram experimentadas, desde então, e ainda continuam sendo provadas até hoje. Certo pregador porto-riquenho sentiu que o homem moderno deseja mais dinheiro e mais coisas materiais. Por essa razão, começou a pregar uma mensagem cuja ênfase era que a riqueza é uma bênção de Deus, enquanto a pobreza é Sua maldição. Durante uma de suas pregações, ele chamou sua secretária à plataforma. Ela estava adornada com muitas jóias, ricamente vestida, e ele a mostrou como exemplo das bênçãos divinas. A propósito, esse pregador tinha uma suntuosa mansão, produto das polpudas ofertas que solicitava a empresários, com o argumento de que as respectivas empresas experimentariam “prosperidade”. Muitas pessoas o seguiram, atraídas pela possibilidade de enriquecer. Cristo, a salvação eterna, a realidade do pecado e outras verdades fundamentais da fé cristã estavam ausentes de sua mensa-

gem. Essa era sua idéia de êxito para sua igreja-empresa.

Atualmente, um forte movimento religioso está atraindo milhares de pessoas em vários países. Ao que parece, seus líderes fizeram uma “pesquisa de mercado”, com o propósito de descobrir quais são as preocupações, necessidades ou problemas do homem comum. Eles concluíram que o alívio do sofrimento decorrente da agitação da vida moderna bem como o anelo por riquezas eram dois desejos fortemente acariciados, e idealizaram um “evangelho” destinado a atrair as pessoas.

Qualquer estudioso que se dê ao trabalho de analisar suas pregações desco-

brirá que nesse “evangelho” não está presente o verdadeiro evangelho. O pecado não existe; Cristo e Sua salvação são secundários ou supérfluos, a vida eterna não é considerada. Os testemunhos apre- goados são de solução de problemas, cura de enfermidades, alívio de dores, ganho financeiro, entre outras coisas limita- das à vida terrestre. As propostas estão fundamentadas no *aqui e agora*. Apesar de uma espiritualidade aparentemente forte, os objetivos são mais de interesse pessoal, mercantilista e egoísta.

Ao falar das “mega-igrejas”, que também chama de “paracristãs”, surgi- das na América Latina e dirigidas por líderes autoritários, Samuel Escobar menciona os “escândalos sexuais e financeiros” que têm explodido em vários países. Segundo ele, isso “tem demonstrado os perigos de uma forma autoritária de liderança que não tem controle nem critérios claros de prestação de contas”, e acrescenta: “Muitos pastores se vêem tenta- dos a adotar esse mode- lo autoritário, cedendo assim à propaganda que

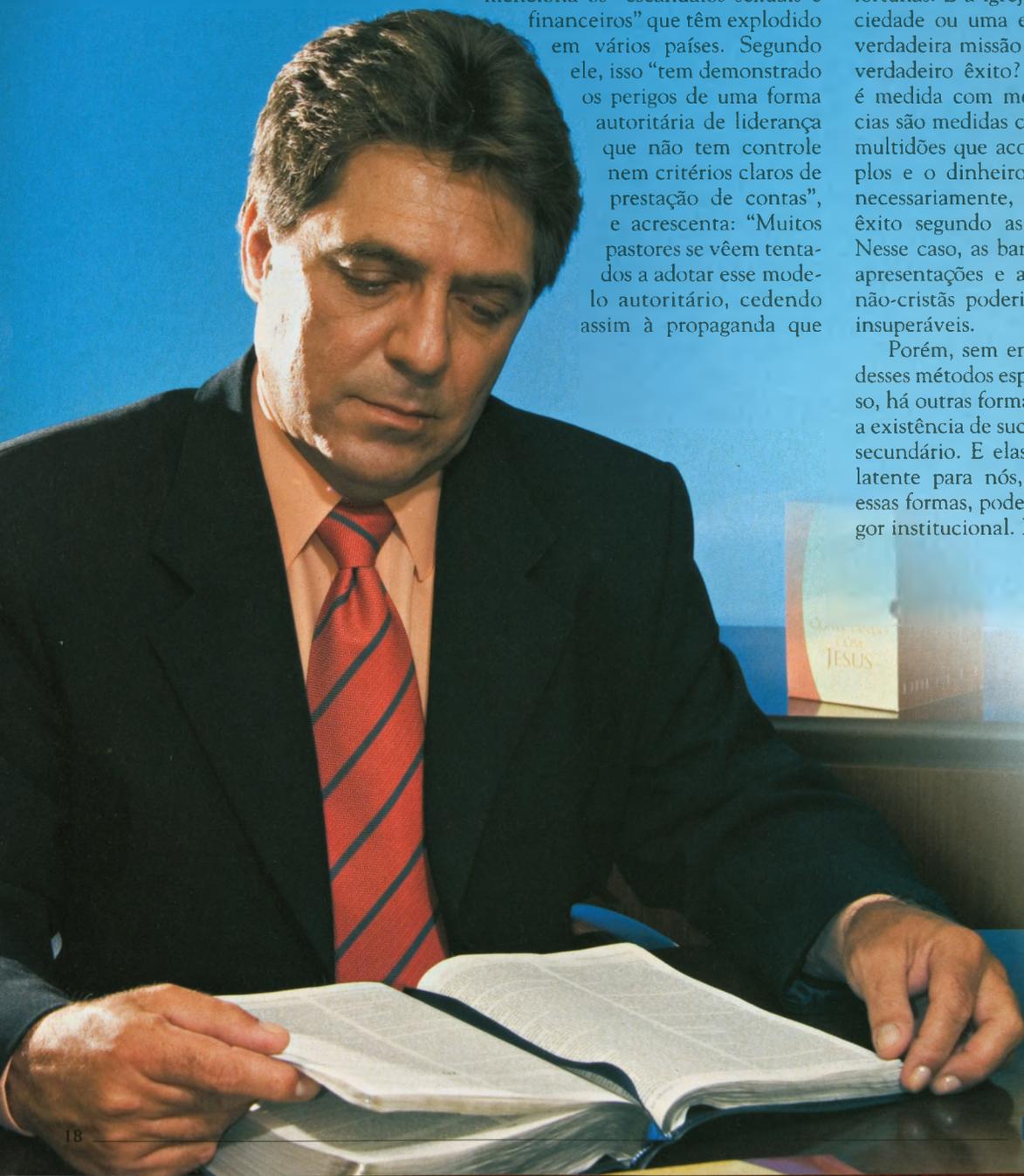
diz ser essa a única maneira de con- seguir crescimento numérico e êxito financeiro”.² Acaso, esses não são ob- jetivos próprios de qualquer empresa?

É assim que muitos têm experi- mentado métodos diversos como uti- lização de *rock*, baladas, drama, luta armada para implantar justiça social, culto celebração, neopentecostalismo e muitos outros. A Igreja Adventista não está imune a esses perigos. Preci- samos ficar desertos.

Lições do nosso passado

Seria esse o tipo de êxito que o Se- nhor deseja para Sua igreja? Alguns reúnem multidões, outros acumulam fortunas. É a igreja um clube, uma so- ciedade ou uma empresa? Qual é sua verdadeira missão e como se mede seu verdadeiro êxito? A temperatura não é medida com metro, nem as distân- cias são medidas com uma balança. As multidões que acorrem aos mega-tem- plos e o dinheiro recolhido não são, necessariamente, sinal de verdadeiro êxito segundo as dimensões divinas. Nesse caso, as bandas de *rock* em suas apresentações e até algumas religiões não-cristãs poderiam ser consideradas insuperáveis.

Porém, sem entrarmos nos méritos desses métodos espúrios de medir suces- so, há outras formas que podem revelar a existência de sucesso louvável, porém secundário. E elas representam perigo latente para nós, como igreja. Entre essas formas, podemos mencionar o vi- gor institucional. Por exemplo, a igreja



pode se sentir saudavelmente orgulhosa, ou, pelo menos, satisfeita, diante das instituições médicas espalhadas por todo o mundo. Muitas delas foram pioneiras no cuidado da saúde e mostram altíssimo nível científico, profissional e de atendimento aos clientes. “Ao ver este hospital, mesmo de longe, já começo a me sentir curada”, disse-me, não faz muito tempo, uma senhora. O tratamento dispensado, a rapidez com que podia realizar os exames médicos, o conforto da instituição, os jardins circundantes, tudo isso contribuiu para sua cura. E, evidentemente, as orações feitas em seu favor, pelo pessoal que lhe prestava atendimento, também produziram efeito altamente curativo.

Porém, será que todas as instituições médicas alcançarão esse nível médico-missionário? Algumas delas podem se tornar um entrave ao avanço da missão que nos foi confiada. Na verdade, por se haverem tornado um fardo e não produzir os frutos esperados, muitas já foram fechadas.

Exemplo disso foi o hospital de Battle Creek, quando esteve nas mãos do Dr. John Harvey Kellogg. Ninguém discutia a qualidade profissional nem o impacto público por ele exercido. Personalidades do mundo político, empresarial, comercial e artístico para lá se dirigiam em busca de tratamento. A prosperidade do plano era evidente. O êxito, em matéria de finanças, prestígio e movimentação de pacientes, era indiscutível. Apesar disso, a instituição fora criada com um plano que gradualmente foi sendo posto de lado em favor de idéias alheias aos objetivos iniciais. Segundo a *Enciclopédia Adventista*, a instituição original devia “ser administrada em espírito de serviço e humildade e deveria sempre ser mantida de modo a ser claramente notada a diferença em relação a uma instituição secular”.³

Lamentavelmente, os conselhos não foram seguidos, a instituição acabou em bancarrota financeira e teve que ser vendida ao governo dos Estados Unidos, a fim de que seus proprietários pudessem pagar as muitas dívidas contraídas em virtude das construções e da grande crise financeira da década de 30. Finalmente, quando tinha 90 anos de idade, o Dr. Kellogg envolveu-se numa demanda contra a Associação Geral. Por solicitação de autoridades municipais, o hospital voltou a ser controlado pela

organização em 1957, funcionando de acordo com os objetivos originais, em outro edifício.

É interessante enfatizarmos a expressão “de modo a ser claramente notada a diferença em relação a uma instituição secular”. Para Kellogg, o êxito consistia em construir mais e mais luxuosos edifícios, obter fama e mostrar sua grandeza como cirurgião e pesquisador. Esses objetivos foram alcançados, porém, uma instituição estabelecida pela vontade de Deus, e com propósitos definidos, totalmente ligada aos princípios da igreja, não pode considerar tais parâmetros como demonstração de sucesso. Seria a mesma coisa que medir a temperatura ambiente com fita métrica.

*“O que se espera
de uma igreja é fé,
esperança, segurança,
orientação, salvação
eterna”*

A mesma coisa pode ser dita de outras instituições denominacionais, como na área de educação, fábrica de alimentos, editoras, Adra, planos de saúde e igreja local. O sucesso é medido pelo grau de cumprimento da missão confiada por Deus à Sua igreja. As instituições não são fim em si mesmas. Elas são um apoio muito valioso para o cumprimento da missão. Na verdade, se elas funcionarem apenas como empresas seculares, em vez de servir de ajuda, podem se tornar um fardo. Isso não significa que não devam ser administradas segundo normas e princípios administrativos que devem reger uma instituição sólida. O ponto é que elas existem com uma missão definida. Essa missão não é comercial, e se não for cumprida, essas instituições não têm razão para existir.

No caso do colégio de Battle Creek, dirigido por pessoas que não tinham

em vista a verdadeira missão, Ellen G. White aconselhou: “Caso uma influência mundana haja de dominar nossa escola, seja ela então vendida aos mundanos, e tomem eles o inteiro controle; e os que depositaram seus meios nessa instituição estabelecerão outra escola para ser dirigida, não sob o plano das escolas populares, nem segundo os desejos de diretores e professores, mas sob o plano especificado por Deus.”⁴

Brincando com fogo

De modo enfático, Ralph Neighbour se refere ao processo observado em certas denominações, com estas palavras: “Por que o amor natural e poderoso em favor dos inconversos tem sido distorcido na igreja contemporânea? A pressão pelo aumento das finanças, o desespero por ver aumentado o número de membros e a preocupação com o tamanho dos edifícios tem facilitado o abandono dos objetivos espirituais, em detrimento das preocupações materiais que pressionam a instituição. Como resultado, há um profundo cinismo entre os não convertidos ou os que não estão filiados à uma igreja.”⁵

Esse cinismo, explica Neighbour, faz com que muitas pessoas rejeitem tudo o que seja relacionado com a instituição chamada igreja. O que se espera de uma igreja é fé, esperança, segurança, aconselhamento, orientação, salvação eterna. Quando a igreja não provê essas coisas, cai em descrédito e é rejeitada. Talvez seja essa a causa pela qual, nos anos 60, algumas igrejas caíram no processo de decadência apresentado por Kelley. Perderam o rumo.

Essa análise pode ser aplicada, também, a outros elementos da vida eclesial. Tomemos, por exemplo, o trabalho do pastor. Ele pode ser um verdadeiro ministro de Deus ou um empresário cuja meta seja aumentar o número de batismos. Precisamos fazer diferença entre um batismo e uma pessoa salva. Em geral, os dois termos coincidem, mas podem ser diferentes. Quando a preocupação do pastor é o prestígio pessoal diante das organizações superiores, ou quando batiza alguém que, sabidamente, não deveria ser batizado, quando abandona o recém-batizado porque precisa buscar novos conversos a fim de preencher o relatório, o pastor é nada mais que simples empresário. E existe algo ainda mais sério: está brincando com fogo sacratístico, o que é muito perigoso.

“As instituições da igreja não são um fim em si mesmas. Existem para cumprir uma missão”

Como é possível explicar o caso de um pastor que oficia batismos, cerimônias de Santa Ceia, ou dirige campanhas evangelísticas enquanto vive em flagrante pecado? Que dizer do administrador que prega sobre lealdade na vida cristã, enquanto é desonesto no gerenciamento das finanças? Casos assim, infelizmente, não se afiguram novidade, porque Judas participou da Ceia enquanto negociava a entrega de Cristo. Davi viveu em pecado, enquanto governava o povo de Deus em nome de Deus.

A ação do Espírito Santo

Embora seja uma meta legítima a ser alcançada, e fundamental para o cumprimento da missão, “o crescimento numérico da igreja”, diz Neighbour, “é sempre um subproduto da qualidade de vida da igreja e uma obra que é totalmente do Pai, não da promoção humana”.⁶

Por isso, o Espírito Santo deve estar presente na vida da igreja em todas as suas instâncias: igreja local, administração eclesiástica, instituições, pastores e servidores em áreas não diretamente ministeriais. Essa presença deve ser percebida, basicamente, em duas maneiras:

O fruto do Espírito. A verdadeira experiência cristã está marcada por um “antes” e um “depois”. O antes diz respeito à vida sem esperança e sem Deus. O depois se refere à vida transformada pelo Espírito Santo. Saulo/Paulo é um exemplo claro dessa experiência, cujo marco foi o encontro que ele teve com Cristo e que mudou radicalmente o rumo de sua vida. Por essa razão, ele fala tão clara e repetidamente sobre a passagem da natureza carnal à espiritual: Em Romanos 6, ele fala de escravos do pecado morrendo para o pecado e se tornando servos da justiça. Em Romanos 8, fala dos que estão em Cristo Jesus, e não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Escrevendo aos

gálatas, ele contrastou as “obras da carne” com o “fruto do Espírito”.

Portanto, todo aquele que participa da igreja, e mais: todo aquele que dedica sua vida a serviço dela precisa ter experimentado a transformação operada pelo Espírito. Na igreja, não existem profissionais da pregação, do ensino, da saúde ou das publicações. Quem vive pela missão da igreja deve ser testemunha viva da ação transformadora do Espírito de Deus. Isso não significa perfeição absoluta, existente só em Deus, mas uma vida que seja um testemunho vivo de que um ser humano pecador pode ser transformado. Sua vida familiar testemunha favoravelmente disso, assim como seus interesses, sua honestidade, dedicação e transparência. Quem estiver engajado na missão por causa da estabilidade salarial, não é digno de ser parte do “corpo de Cristo”. É um empresário no lugar errado.

Os dons do Espírito. As Escrituras Sagradas nos dizem claramente que Deus chama indivíduos para serem Seus mensageiros. Moisés, Elias, Isaías, Jeremias e onze dos Seus discípulos são exemplos dessa realidade. Um fato curioso a respeito do chamado desses homens é que a maioria deles não se sentia digna do chamado. Moisés disse: “Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a Teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua” (Êx 4:10). Esta foi a reação de Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros...” (Is 6:5). E Jeremias respondeu ao chamado, dizendo: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jr 1:6).

Apesar de tudo, eles chegaram a ser grandes homens, porque Deus lhes concedeu preciosos dons espirituais, tornando-os profetas, apóstolos, mestres, operadores de milagres, curadores, auxiliares, administradores (1Co 12:28). De Judas nos é dito o seguinte: “O Salvador não repelira Judas. Dera-lhe lugar entre os doze.”⁷ Porém, mesmo recebendo uma chance, Judas não se mostrou disposto a receber o fruto do Espírito, pois “não chegou ao ponto de render-se inteiramente a Cristo. Não renunciou suas ambições terrenas, nem Seu amor ao dinheiro”.⁸ Muito menos aceitou os dons do Espírito: “não se colocou no divino molde. Achava que podia reter seus próprios juízos e opiniões, e cultivou a disposição de criticar e acusar”.⁹

Desse modo, Judas foi uma desonra para a causa de Cristo. Por outro lado, Pedro, com todas as suas imperfeições, permitiu que Cristo atuasse nele, o transformasse e o capacitasse a fim de se tornar o que chegou a ser. O rude pescador, transformado pelo Espírito e capacitado com Seus dons, foi instrumento para que três mil pessoas aceitassem a mensagem de salvação, em apenas um sermão.

Hoje, o Espírito Santo está disposto e é poderoso para modelar todos os que se dedicam à Causa de Deus em todos os seus níveis. A promessa é: “o poder vitalizante do Espírito Santo, que emana do Salvador, permeia a alma, renova os motivos e afeições e leva os próprios pensamentos à obediência da vontade de Deus, capacitando o que recebe a produzir os preciosos frutos de obras santas”.¹⁰

Não apenas os pastores diretamente envolvidos com a pregação e a evangelização necessitam desse poder. Também o necessitam os administradores, servidores de instituições e os obreiros voluntários. A igreja não é uma empresa como a Shell, Mc Donalds, ou qualquer instituição bancária. A igreja é “o corpo de Cristo”, e seu negócio não é ganho financeiro nem ostentação. Ela existe unicamente para exaltar os méritos de Cristo diante de um mundo que se debate nas garras do pecado. Nessa missão, seu êxito não pode ser medido por critérios mundanos, mas celestiais. As promoções que realiza, as instituições que mantém e seu sistema administrativo têm eficácia somente porque foram estabelecidos por inspiração divina. Porém, não passam de instrumentos, meios, para alcançar um objetivo: a salvação do pecador. ❧

Referências:

- 1 Dean M. Kelley, *Why Conservatives Churches are Growing* (Nova York: Harper and Row Publishers, 1972), p. 2.
- 2 Samuel Escobar, “Os evangélicos na América Latina”, *Apuntes Pastorales*, v. 27, p. 13.
- 3 Para um relato mais completo sobre o assunto, ver *Enciclopédia Adventista del Séptimo Dia*, “John Harvey Kellogg” e “Sanatório de Battle Creek”.
- 4 Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 88, 89.
- 5 Ralph Neighbour, *The Seven Last Words of the Church* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1973), p. 47.
- 6 *Ibid.*, p. 48.
- 7 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 717.
- 8 *Ibid.*
- 9 *Ibid.*
- 10 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 281.

Divindade em missão



Paulo C. Oliveira

Pastor na Associação
Mineira Central

*É um privilégio
nos associarmos
ao Pai, Filho e
Espírito Santo na
suprema tarefa
de buscar e
salvar o perdido*

Ter uma clara teologia de missão é fator indispensável a fim de termos um pastorado bem informado e bem-sucedido. Além disso, a mudança no conceito geográfico de missão, observada nas últimas décadas, altera a antiga idéia de que o campo missionário limita-se a terras distantes, exóticas e pagãs. Segundo esse antigo paradigma, movimento missionário é o envio de pessoas a tais lugares, a fim de evangelizar seus habitantes. A mudança desse conceito começa a acontecer quando é percebido que, ao mesmo tempo em que as expedições missionárias foram enviadas para cristianizar o mundo pagão, especialmente durante os séculos 19 e 20, o mundo cristão também foi invadido por filosofias estranhas ao cristianismo, e os países conhecidos como cristãos estão se tornando rapidamente um dos maiores desafios missionários do planeta.¹

Uma das conseqüências dessa nova realidade é que cada pastor deve ser também um missionário capaz de ministrar interculturalmente em seu próprio país. O conceito de intercultura vai além do tradicional entendimento de que culturas são separadas por barreiras entre países, mas sim entre gerações, condição socioeconômica, escolaridade, gênero, cor e outros aspectos antropológicos e sociológicos que podem ser percebidos e vividos dentro dos limites de um distrito ou de uma igreja local.

Neste artigo, apresentamos de modo simplificado a teologia de missão, num formato trinitariano originado em Deus, que envia Jesus e que também envia a igreja para ser testemunha a todo o mundo, na força do Espírito Santo, o Consolador prometido. Com isso, visamos ao fortalecimento da consciência missionária naqueles que se sentem chamados para servir a Deus no século 21.

A missão de Deus, o Pai

Do ponto de vista etimológico, missão tem sido definida como “uma tarefa dada”.² A expressão em latim significa “ato de enviar”. Enquanto alguns aplicam o significado etimológico de missão para descrever a atividade do missionário sendo “enviado” com a mensagem de Jesus,³ outros o tratam como a origem de todas as missões: Deus, como o *missio Dei*.⁴ Embora sejam complementares, as duas definições precisam ser entendidas em suas respectivas esferas. A primeira se refere a um elemento pragmático do termo missão, enquanto a segunda cristaliza uma base sólida à sua prática.

Missio Dei é o retrato bíblico para introduzir Deus no cenário do mundo, como Aquele que está em missão em favor da humanidade caída (Gn 3:9). O termo *missio Dei* foi usado pela primeira vez no 5º Concílio Internacional de Missionários, que aconteceu em Willingen, Alemanha, em julho de 1952.⁵ Naquela ocasião, foi defendida a idéia de que o movimento missionário tem sua origem no Deus trinitariano. Ele é um Deus em missão, que está em busca do homem perdido. Toda a Bíblia “é um livro missionário”, é “a revelação do propósito e ação de Deus através da história humana”.⁶

O entendimento de missão como sendo “missão de Deus” suscita outra importante questão: a diferenciação dos termos *missão* e *missões*. No paradigma de missão, entende-se que a missão é de Deus, não nossa. Ele representa o *missio Dei*. Missão é a auto-re-

“A missão espera por nós em cada pessoa, a todo momento, em qualquer lugar”

velação de um Deus que ama o mundo como Sua criação; que está envolvido com o mundo e no mundo. Ela aclara a natureza e a atividade de Deus, que engloba tanto a igreja como o mundo.

Em suma, “*missio Dei* anuncia a boa-nova de que Deus é um Deus-para-pessoas”.⁷ Missões, por sua vez, refere-se a todo esforço e tentativa humanos em sua participação na missão de Deus.

Deus revelou-Se a Si mesmo e Sua missão ao patriarca Abrão. A partir da narrativa de Gênesis 12:1-3, encontramos cinco elementos característicos do Deus missionário. Em primeiro lugar, Ele é o Deus da História. A História não acontece através de mecanismos fixos ou leis de causa e efeito. Deus está no controle, e a Abrão foi feita a promessa que se cumpriria com a inauguração da igreja de Jesus Cristo, séculos depois, a saber, a salvação a todos os confins da Terra através da incorporação gentílica à igreja (Ef 3:1-13; Mt 8:11).

Em segundo lugar, Deus é o Deus da aliança. Ele é amoroso e bondoso o suficiente para fazer promessas à humanidade pecadora e Se manter fiel a elas. Em terceiro lugar, Deus é o Deus das bênçãos, doador por excelência. Em quarto lugar, Deus é sempre misericordioso, não tem prazer em condenar. Isso não quer dizer que escatologicamente conceda salvação a crentes e descrentes, como pensam os universalistas, mas Ele é paciente com a raça caída, dando-lhe oportunidades misericordiosas para aceitá-Lo e experimentar novo começo a cada manhã (Lm 3:22, 23). Finalmente, Deus é o Deus da missão. Seu propósito é abençoar todas as nações. Está buscando o perdido em todo o mundo.⁸

Jesus: missionário por excelência

O segundo elemento da missão tri-úna é Jesus. Deus, o Pai, não apenas é o originador da missão (Gn 3:9), mas também lhe dá continuidade através de Jesus Cristo, a quem enviou (Jo 20:21).

Através da encarnação, Deus deu passos firmes em direção ao cumprimento de Sua missão. Portanto, Jesus Cristo foi enviado “como proclamador e fundador do reino”.⁹

O esforço missionário humano é sempre limitado, pois é apenas um reflexo do missionário real que Se encarnou completamente. Sendo Deus, por natureza, Jesus encarnou-Se; nasceu em um ponto histórico e cultural específico. Aprendeu, absorveu e viveu a linguagem de seu ambiente, seus costumes e formas de viver. Sua cultura foi a de um judeu do primeiro século, que vivia sob o regime do Império Romano. Jesus Se tornou *nativo* e, nesse sentido, o esforço missionário humano é sempre parcial, porque não nos é possível a encarnação completa em outra cultura, ao ponto de nos tornarmos nativos, como o foi Jesus. Contudo, Ele nos apresenta um modelo de missão e ministério.

No evangelho de Lucas, Jesus recorre aos escritos de Isaías, para definir a natureza de Sua encarnação e missão: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18,19, cf. Is 61:1, 2). Toda verdadeira missão é uma missão encarnacional, e isso requer identificação sem perda de identidade.¹⁰

No poder do Espírito

A igreja precisa estar enraizada nesses dois conceitos até aqui apresentados. Eles estão fundamentados nas Escrituras. Bosch adverte no sentido de que “uma fundamentação de missão inadequada com motivos e objetivos missionários ambíguos culminará com uma prática missionária insatisfatória”.¹¹ Não nos faltam exemplos de resultados negativos devidos à utilização de motivos e objetivos duvidosos em missão.

A grande comissão em Mateus 28 convida a igreja a tomar parte na missão de Deus. Isso deve ser visto como privilégio, tendo em vista pelo menos três razões. Primeira, Deus tem parte ativa a ser desempenhada pela igreja em Sua missão. Isso não quer dizer que Ele seja limitado ou dependente da participação humana para o cumprimento de Seus propósitos na História. Porém, é certo que Ele está nos privilegiando, ao repartir conosco a tarefa missionária.

Segunda, é uma honra sermos escolhidos para essa responsabilidade. Por causa de sua condição, ou natureza pecaminosa, nenhum ser humano é digno desse privilégio. A humanidade se tornou cega para as realidades espirituais, mas Deus, em Seu amor e misericórdia, credita valor àqueles que não possuem valor algum, mas que O aceitam como Salvador e Senhor. A terceira razão é que essa é uma oportunidade para experimentarmos a presença do Espírito Santo em nossa vida. O poder pelo qual a igreja opera não lhe é inerente. É-lhe dado pela presença do Espírito Santo.

Portanto, a missão está enraizada em Deus, que é seu iniciador. Jesus foi enviado por Ele, a fim de continuar a missão, vivendo como homem entre os homens. A igreja é a testemunha de Deus ao mundo. Sua missão está fundamentada no chamado divino para experimentar o poder do Espírito Santo, como *dunamys*, impulsionando-a para a prática de missões.

Essa experiência não se refere a desafios de uma terra longínqua, mas aos dos grandes centros urbanos, da vizinhança de cada templo, ou ao morador do outro lado da rua, que não conhece Jesus como Salvador e Senhor. A missão espera por nós, estampada na face de crianças de rua, dos ricos e intelectuais enclausurados em suas fortalezas de concreto e raciocínio humano; ou do pobre oprimido pela desigualdade social. Cabe-nos o privilégio de buscar e salvar o perdido. O ide é para todos, e o campo missionário está ao alcance de todos. ❖

Referências:

- ¹ Philip Jenkins, *The Next Christendom: The Coming of Global Christianity* (Nova York: Oxford University Press, 2002), p. 1, 2.
- ² Merriam Webster Online, verbete “mission”.
- ³ John Dybdahl, *Adventist Mission in the 21st Century: The Joys and Challenges of Presenting Jesus to a Diverse World* (Hagerstown MD: Review and Herald, 1999), p. 17.
- ⁴ David J. Bosch, *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission* (Maryknoll, NY: Orbis, 1991), p. 389, 393.
- ⁵ Arthur F. Glasser e Charles Edward Van Engen, *Announcing the Kingdom: The Story of God's Mission in the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003), p. 245.
- ⁶ *Ibid.*, p. 17.
- ⁷ David J. Bosch, *Op. Cit.*, p. 10.
- ⁸ John R. W. Stott, *Perspective on the World Christian Movement: A Reader* (Pasadena CA: William Carey Library, 1981), p. 15-18.
- ⁹ Leslie Newigin, *The Open Secret: An Introduction to the Theology of Mission* (Grand Rapids, MI: 1995), p. 22.
- ¹⁰ Jon W. Stott, *The Contemporary Christian* (Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1995), p. 358.
- ¹¹ David J. Bosch, *Op. Cit.*, p. 5.

Unicamente pela fé



George E. Rice

Pastor em Clarksville,
Maryland, Estados
Unidos

*“Em Sua
humanidade,
Cristo formou
caráter perfeito e
oferece-nos esse
caráter. ‘Todas as
nossas justiças’
são ‘como trapos
de imundícia’”*

As Escrituras colocam a experiência da justificação pela fé num contexto de aliança. Paulo diz: “Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4:4, 5). Embora essa afirmação seja clara no que tange ao relacionamento entre fé e justificação, num contexto de aliança, ela introduz uma intrigante questão: Existe lugar para obediência nas estipulações feitas por Deus nos vários relacionamentos de concerto que Ele fez com Suas criaturas? Nesse texto, são apresentadas duas abordagens. A confusão a respeito delas é a fonte do problema tratado por Paulo com os romanos e os gálatas, ou seja, aplicação dos termos requeridos em um relacionamento de aliança com Deus a outro concerto baseado em termos inteiramente diferentes.

O único relacionamento aceito por Deus é aquele baseado na fé em Cristo. Esse relacionamento de fé será acompanhado de obediência. Como Paulo diz, “os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados” (Rm 2:13). Em um relacionamento de fé, a obediência não deve ser vista negativamente como “obras”. Mas, há pessoas que resistem a qualquer tentativa de ser obedientes, considerando a aceitação dos dez mandamentos como rejeição da graça de Deus. Contudo, é uma contradição professar fé em Jesus e viver em rebeldia contra Sua lei.

A razão para o requerimento de fé na graça de Deus, num relacionamento de aliança com Ele, é porque somos pecadores e corruptos. À parte de Jesus, são vãs todas as nossas tentativas de obter salvação. Referindo-se à condição natural da humanidade, Paulo apontou o estilo de vida dos pagãos de seus dias e escreveu aos cristãos efésios: “entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2:3). Em sua condição natural, o pecador não pode experimentar a justificação pela fé em Cristo.

Na Bíblia, são apresentados três relacionamentos de concerto com Deus: o concerto universal, o novo concerto e o que Paulo chama de primeiro concerto. Uma revisão desses concertos e seus requerimentos nos ajuda a administrar as questões de obediência e graça no plano da salvação.

Concerto universal

O concerto universal não é identificado por nome nas Escrituras. É universal porque Deus colocou todo ser criado inteligente em um relacionamento de concerto com Ele. Isso está bem definido nas condições requeridas. Quando Adão e Eva foram criados, também foram postos sob um relacionamento de concerto universal: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:15-17).

Os termos desse concerto são simples: obediência. Ellen White escreveu a esse respeito: “Semelhantes aos anjos, os moradores do Éden haviam sido postos sob prova; seu feliz estado apenas poderia ser conservado sob a condição de fidelidade para com a lei do Criador. Poderiam obedecer e viver, ou desobedecer e perecer.”¹ O concerto universal requer perfeita obediência. Sendo criados perfeitos, como os habitantes de outros mundos, eles podiam cumprir os termos desse concerto. “Deus fez o homem reto; deu-lhe nobres traços de caráter, sem nenhum pendor para o mal. ... A obediência, perfeita e perpétua, era a condição para a felicidade eterna. Sob esta condição teria ele acesso à árvore da vida.”²

Essa obediência levaria à formação de um caráter justo. “Era possível a Adão, antes da queda, formar um caráter justo pela obediência à lei de Deus.”³ Porém, o primeiro casal optou por afastar-se do concerto universal e conviver com os resultados dessa opção. “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). Em consequência da opção feita por nossos primeiros pais, como seus descendentes, já não podemos cumprir os requerimentos de perfeita e perpétua obediência. “Mas [Adão] deixou de fazê-lo e, devido ao seu pecado, nossa natureza se acha decaída, e não podemos tornar-nos justos. Visto como somos pecaminosos, profanos, não podemos obedecer perfeitamente a uma lei santa.”⁴

Devemos compreender que, por isso, as obras separadas da graça, como método de salvação e base para relacionamento com Deus, resultarão em fracasso. Paulo torna isso claro: “Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2:15, 16).

É bom lembrar que o problema não reside no concerto ou na lei em si mesmos, mas em nossa condição falha e nossa natureza carnal. Não podemos, por nós mesmos, nos tornar justos e aceitáveis a Deus.

Novo concerto

Quando Adão desobedeceu, Deus o confrontou no jardim e apresentou um segundo concerto, conhecido como concerto da graça, ou novo concerto.⁵ Ele inclui palavras dirigidas a Satanás: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o Seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15).

Esse novo concerto faz quatro provisões: 1) Deus desfará a aliança entre Satanás e o ser humano, colocando inimizade entre eles; 2) essa inimizade produzirá confronto entre a semente de Satanás e a Semente da mulher; 3) nesse confronto, Deus operará o fim de Satanás; 4) a Semente da mulher terá Seu calcanhar ferido, resultando em salvação para todo pecador que aceitar os termos do novo concerto, o qual reside unicamente sobre os atos de Deus e a boa vontade do pecador em aceitar esses atos.

Por que esse concerto é considerado novo? Primeiramente, porque nunca tinha sido ofertado a ninguém, antes da desobediência de Adão. Em segundo lugar, é designado somente para pecadores, aqueles que não têm condições de cumprir as condições do concerto universal. Em terceiro lugar, é novo porque foi ratificado pela morte de Jesus, que, cronologicamente, ocorreu depois da ratificação do primeiro concerto, sob Moisés, pelo sangue de um animal.

Fundamentada somente em Cristo, nesse novo concerto, a fé leva à obediência resultante do amor a Ele. O novo concerto não apenas provê meios de salvação para os pecadores, mas os leva de volta à obediência: “Quando o homem caiu pela transgressão, a lei não foi mudada, mas estabelecido um plano que remediasse a situação trazendo novamente o homem à obediência.”⁶ Compreendendo os requerimentos do concerto universal e os do novo concerto, podemos, agora, responder a uma pergunta interessante: Sob qual concerto Jesus, como Homem, viveu?

A experiência de Cristo

Jesus Cristo, segunda Pessoa da Divindade, plenamente divino, mas encarnado e membro da família humana, retém “para sempre Sua natureza humana”⁷. Ao Se tornar humano, Ele Se submeteu totalmente à vontade da primeira Pessoa da Divindade (Jo 5:19, 30; 6:38; 10:29; 14:10; 15:10). Manteve com a

primeira Pessoa um relacionamento de submissão, referindo-Se a ela como “Meu Pai” e “Meu Deus” (Jo 20:17). Nessa posição, sob que concerto Jesus viveu: o universal ou o novo?

Vale recordar que o concerto universal é um relacionamento baseado em perfeita obediência da parte de seres sem pecado. O novo relacionamento do novo concerto é construído com base na fé na graça de Deus. Ele foi designado para seres corrompidos pelo pecado, maus por natureza, e que teriam entrado em aliança com Satanás, se Deus não tivesse colocado inimizade contra o mal no coração deles. Tudo indica que Cristo viveu sob o relacionamento de concerto universal com o Pai.

Consideremos as evidências. Primeira, Jesus viveu em perfeita obediência à vontade e à lei do Pai. “Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens, para a justificação que dá vida. Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rm 5:18, 19). Note o seguinte: “Em Sua humanidade, Cristo formou caráter perfeito, e oferece-nos esse caráter. ‘Todas as nossas justicas’ são ‘como trapo da imundícia.’”⁸

Segunda evidência: Embora Jesus tenha Se tomado homem, Ele não Se deixou corromper. “Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus” (Hb 7:26). Cristo é “santo”, embora nós sejamos “por natureza, filhos da ira” (Ef 2:3). Cristo é “sem mácula”, embora sejamos injustos (Rm 3:10-18). Cristo é “separado dos pecadores” porque é Deus encarnado.

Terceira evidência: tudo isso indica que embora Jesus tenha assumido um corpo humano, Ele não assumiu nossa natureza espiritual caída e pecaminosa. Na carta aos romanos, Paulo fala “com respeito a Seu filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1:3, 4). Aqui, o apóstolo se refere às duas naturezas de Jesus: a física e a espiritual. A

expressão “segundo a/o” é tradução da preposição grega *kata*. Essa preposição é usada com o tempo acusativo adverbial indica padrão de medida.⁹

Paulo diz que, se nós medirmos Jesus “segundo a carne”, Ele é filho de Davi, isto é, um ser humano. Entretanto, se nós O medirmos “segundo o espírito de santidade”, Ele é Filho de Deus. O texto grego original não diz: “Espírito Santo”, mas “espírito de santidade”. Rienecker faz a seguinte observação sobre essa frase: “Aqui é indicado um espírito ou disposição de santidade que caracterizou Cristo espiritualmente”.¹⁰

O apóstolo também fala de nossas duas naturezas: a interior (natureza espiritual) e a exterior (natureza física): “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia” (2Co 4:16). Também menciona o Espírito Santo fortalecendo o “homem interior” (Ef 3:16). Somos admoestados quanto ao conflito entre nossa natureza física e a espiritual: “A Palavra de Deus adverte-nos claramente de que, a menos que nos abstenhamos das concupiscências carnis, a natureza física será levada a conflito com a espiritual.”¹¹ Também nos é dito que a natureza espiritual de Jesus estava livre de toda nódoa de pecado.¹²

A impecabilidade de Jesus O habilitou a viver nos termos do concerto universal – perfeita obediência, que resulta em um caráter justo imputado ao pecador sob o novo concerto da graça. Paulo diz: “Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, sereis salvos pela Sua vida” (Rm 5:10). Sendo reconciliados por Sua morte, nos tornamos “salvos pela Sua vida”. Ellen White explica essa maravilhosa operação: “Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos por Sua causa. O caráter de Cristo substituirá o vosso caráter, e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houverdes pecado.”¹³

Hebreus 2:14-18 tem sido citado para defender a idéia de que Jesus teve uma natureza pecaminosa como nós, porque “convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos”

(Hb 2:17). “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também Ele, igualmente, participou, para que, por Sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2:14). Esse contexto trata apenas da natureza física, partilhada em carne, sangue e morte física. Ele partilhou nosso sangue e carne, tornando-Se, assim, igual aos Seus irmãos, de modo que pudesse morrer fisicamente e Se tornar nosso sacrifício vicário.

Diante disso, podemos saber que, através da perfeita obediência de Cristo, nos termos do concerto universal, nós, como pecadores, encontramos justificação pela fé somente nEle, nos termos do novo concerto.

O primeiro concerto

Como a identificação do primeiro concerto opera em tudo isso? O livro aos hebreus une esse concerto ao santuário terrestre e aos sacrifícios de animais (Hb 9:1), dando-lhe o título de “primeiro”. “Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é Ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda” (Hb 8:6, 7). Esses versos apontam mais uma vez que o problema não era o concerto, mas os indivíduos. Deus os achou defeituosos por que não perseveraram em Sua aliança.

Chamado de “velho concerto”, ele “tinha preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre” (Hb 9:1). Quando utilizamos a expressão “velho concerto”, o pensamento subjacente é o de justificação pelas obras, separadas da fé e da graça. A expressão “velho concerto” (*palaias diathéke*) aparece apenas uma vez no Novo Testamento, e se refere a um corpo de literatura, isto é, o Antigo Testamento: “E não somos como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia. Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até o dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança [*palaias diathéke*], o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que, em Cristo, é removido” (2Co 3:14, 15).

O uso que Paulo faz da expressão “velha aliança” não se aplica a um relacionamento de concerto entre Deus

e o homem, mas a um corpo de literatura e, particularmente, aos escritos de Moisés. Nesse corpo literário, incluindo os escritos de Moisés, podem ser encontrados os três concertos aqui mencionados.

No livro aos hebreus, encontramos o seguinte comentário sobre o primeiro concerto: “Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira” (Hb 8:13). Aqui, o autor alerta seus leitores para o fato de que “os preceitos de serviço sagrado e o seu santuário terrestre”, a que ele chama de primeiro concerto, e tinham direcionado a fé dos adoradores à morte de Cristo, se tornaram obsoletos.

O sistema sacrificial foi uma representação tangível e visível do que Deus cumpriria sob o novo concerto. Ajudou Israel a compreender a graça e a fé. Ao dar todas as instruções para os serviços do santuário, os dez mandamentos e como eles deviam ser aplicados na vida, Deus falou a Moisés: “Tu, pois, falarás aos filhos de Israel e lhes dirás: Certamente, guardareis os Meus sábados; pois é sinal entre Mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que Eu sou o Senhor, que vos santifica” (Ex 31:13). A essência do novo concerto é a santificação unicamente através do Senhor. O santuário e seus serviços foram designados para ensinar esse conceito. Deus não substituiu o primeiro concerto pelo novo, pois, como Paulo afirma, o primeiro concerto foi um ritual emblemático.

Velho concerto

Embora o termo “velho concerto” seja usado no Novo Testamento apenas para um corpo de literatura, Ellen White o apresenta em duas maneiras. Primeira, para distinguir o concerto feito por Deus com Israel, no Sinai, do novo concerto. O concerto feito no Sinai é “velho” porque sua ratificação com sacrifícios de animais precedeu à ratificação do novo concerto, com o sangue de Cristo. Assim, os dois concertos são identificados cronologicamente com base em sua ratificação.¹⁴

Segunda, Deus usou o concerto do Sinai para ensinar aos israelitas que, em seu relacionamento com Ele, não estariam sós. Ao resgatá-los do Egito e conduzi-los pelo Mar Vermelho, Deus lhes ensinou que seriam totalmente dependentes dAquele que os libertara. Agora, eles deviam ser ensinados que também deviam ser dependentes dEle, para justificação e salvação. “Vivendo

de idolatria e corrupção, não tinham uma concepção verdadeira da santidade de Deus, da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, de sua completa incapacidade para, por si mesmos, prestar obediência à lei de Deus, e de sua necessidade de um Salvador. Tudo isto deveria ser-lhes ensinado.”¹⁵

Tendo revelado Sua glória no Sinai e tendo dado Sua lei, nas formas oral e escrita, Deus disse a Israel: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz e guardardes a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar... e Me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (Ex 19:5, 6). Com frágil confiança, o povo respondeu: “Tudo o que o Senhor falou faremos” (Ex 19:8). A falta que Deus encontrou em Seu povo foi que ele tentou cumprir os termos do concerto do Sinai, aderindo aos termos requeridos pelo concerto universal, perfeita obediência, que somente pode ser cumprida por seres santos.

Poucas semanas depois, o povo estava adorando ao bezerro de ouro e se comportando como pagãos. Seu gesto demonstrou que “não tinham uma concepção verdadeira da santidade de Deus, da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, de sua completa incapacidade, para por si mesmos, prestar obediência à lei de Deus, e de sua necessidade de um Salvador”. Os termos estabelecidos no concerto uni-

versal para seres santos não podem ser substituídos por termos de um concerto que Deus designou para pecadores.

Considerando que o concerto do Sinai foi baseado sobre estrita obediência aos mandamentos e instruções de Deus, o novo concerto tem, como sua base, melhores promessas – a graça de Deus.¹⁶ A experiência do bezerro de ouro ensinou a Israel que Deus não somente era seu libertador da escravidão egípcia, mas também da escravidão do pecado. “Estavam então, preparados para apreciar as bênçãos do novo concerto.”¹⁷

Infelizmente, Israel repetidamente se voltava para a tentativa de obter justiça através de seus próprios méritos. Paulo lamenta: “Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus, porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10:1-4).

Hoje, somos deixados com apenas um concerto, o novo, que foi designado para pecadores. Nele, encontramos que a encarnação, morte e ressurreição de Jesus e Seu caráter perfeito operam em favor de Seus seguidores os termos do concerto universal. Seu caráter perfeito toma o lu-

gar de nosso caráter imperfeito. Por nossa fé nEle, alcançamos Sua graça e Sua justiça, assim como prontidão em obedecer-Lhe, porque O amamos e apreciamos o que Ele fez por nós. O novo concerto é justificação pela fé em Cristo. ❖

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 53.
- ² *Ibid.*, p. 49.
- ³ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 62.
- ⁴ *Ibid.*
- ⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 370.
- ⁶ *Ibid.*, p. 363.
- ⁷ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 25.
- ⁸ _____, *Parábolas de Jesus*, p. 311.
- ⁹ James A. Brooks e Carlton L. Winbery, *Syntax of New Testament Greek* (Washington, DC: University Press of America, 1979), p. 46, 47, 61.
- ¹⁰ Fritz Rienecker, *A Linguistic Key to the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1980), p. 347.
- ¹¹ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde*, p. 576.
- ¹² _____, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 5, p. 1.079.
- ¹³ _____, *Caminho a Cristo*, p. 62.
- ¹⁴ _____, *Patriarcas e Profetas*, p. 371.
- ¹⁵ *Ibid.*
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 372.
- ¹⁷ *Ibid.*



O destino dos cães



Milton L. Torres

Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia

Quem fará parte do grupo que, segundo João, ficará fora da Nova Terra

Certa vez, alguém indagou a Elizabeth Marshall Thomas se haveria cães no Céu. Ela respondeu que, obviamente, o Céu teria cachorros; de outra forma, não seria Céu.¹ O veterinário Robert T. Sharp escreveu, em 2005, um livro no qual fez a mesma pergunta: “Haverá cães no Céu?”² Na *Seattle Pacific University*, Kathleen Braden, professora de Geografia, ensina um curso denominado: “Haverá cães no Céu?”, no qual explora as relações entre o homem e os animais, incluindo o estudo de tratados teológicos sobre a natureza dos animais, o relacionamento dos seres humanos com o sofrimento animal e os aspectos psicológicos de nosso relacionamento com animais de estimação.

Se isso lhe soa estranho, talvez seja por causa da sisudez que nos impede de apreciar a possibilidade de seres humanos e animais conviverem pacificamente em um ambiente celestial. De acordo com Bill Hall,³ as pessoas raciocinam que, se houver cães no Céu, ali também haverá gatos, ratos e outros animais que poderão ser inconvenientes à fruição de gozo eterno. Talvez imaginem que será dieteticamente tentador contemplar uma ave ou peixe, no Céu, sem poder apreciá-los de modo mais epicurista que o ambiente do Céu permitirá.

De qualquer forma, minha família ficou muito impressionada, quando ouviu um pregador anunciar, enfaticamente, que os cães não vão para o Céu. Temos uma cadela em casa, e meus filhos muito se afeiçoaram a ela. Ouvir, repetidamente, que os cães não vão para o Céu causou-lhes grande decepção. Não me sinto embaraçado ao me referir afetuosamente à cadela da família. Bainton⁴ comenta que Lutero, em várias passagens de sua obra *Conversa à Mesa*, menciona seu cachorro, ao qual ele parece ter estimado muito. Percebe-se, pela fala de Lutero, que ele esperava que os cães fossem para o Céu. Além disso, ele os apresenta como modelos para a fidelidade e concentração cristãs: “Ah, se eu pudesse orar com a devoção com a qual meu cachorro observa um pedaço de carne” (p. 274).

Análise de um texto

Ao examinar o texto usado por aquele pregador, não tive a mesma impressão que ele. Eis o texto: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira” (Ap 22:14, 15).

Esse texto não se refere a cães literais. O contexto favorece a uma interpretação metafórica da passagem, por duas razões. Primeira, todos os outros elementos da lista de excluídos da Nova Terra são figuras humanas culpadas de pecados graves: feiticeiros, prostituídos, homicidas, idólatras e mentirosos. Não faz sentido incluir um animal entre esses. Segunda, o livro de Apocalipse apresenta outra lista de infiéis que tampouco inclui animais: “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Ap 21:8).

Existem outros usos metafóricos da palavra “cão” nas Escrituras. Deuteronômio 23:18 fala do salário de uma prostituta e de um “cão” num contexto tão claramente simbólico, que as traduções portuguesas nem mesmo conservam a palavra “cão”: “Não traráis salário de prostituição, nem preço de sodomita [cão] à casa do Senhor, teu Deus, ... porque uma e outra coisa são igualmente abomináveis ao Senhor, teu Deus.” O termo era, também, um insulto genérico (1Sm 17:43; 24:14; 2Rs 8:13; Sl 22:17, 21; Is 56:10, 11; Mt 7:6), como ainda o é em nossos dias, ou uma expressão de humildade (2Rs 8:13).

Depois do encontro da mulher cananéia com Jesus, os gentios passam a ter direito às migalhas

No evangelho de Mateus

Listas de vícios, pecados e tipos de pecadores eram comuns entre os filósofos moralizantes do mundo greco-romano. Em seu tratado intitulado *Hermótimo* 22, Luciano compara a virtude a uma cidade da qual são excluídos todos os vícios. Na Bíblia, Paulo é quem as utiliza com maior frequência. O caso do livro de Apocalipse, que se baseia na tradição de Deuteronômio 18:9-14, é a única ocorrência conhecida de uma lista de vícios contendo a palavra “cães”. Por isso, é comum interpretar o termo como referência a pessoas e não a animais.

De acordo com Dídimo de Alexandria, os cristãos do quarto século negavam a participação na comunhão aos não batizados, com base no provérbio de Mateus 7:6 que proibia dar coisas sagradas aos “cães”. Será, contudo, que uma comparação entre o texto de Apocalipse e o evangelho de Mateus nos permitiria concluir que os “cães”, figurativamente, são sempre os gentios?

Apesar de o evangelho de Mateus ter sido escrito, primariamente, para os judeus, há, nele, um número muito alto de referências aos gentios. Como em alguns casos Mateus os apresenta sob uma luz desfavorável, certos teólogos, como David Sims,⁵ por exemplo, têm

suposto que o evangelho possui tom antigentílico. Outros, como Hummel⁶ e Bonnard,⁷ entendem que, quando os líderes judaicos empregam a palavra “pecadores”, em Mateus, geralmente se referem aos gentios. Assim, a frase “publicanos e pecadores” deve ser compreendida como equivalente sintagmático de “publicanos e gentios”.

No entanto, é possível perceber inúmeras ocasiões em que Mateus apresenta os gentios de modo favorável (Mt 8:5-13; 21:17-24; 27:54). Para Smillie,⁸ Jesus aceita e adapta os estereótipos judaicos convencionais em relação aos pagãos como a quintessência da injustiça discursiva, procurando generalizar a fim de criar um contraste em relação ao qual Ele possa criar um novo comportamento ou atitude. Por isso, não me parece coerente supor que a referência de Jesus aos cães, na perícopa da mulher cananéia (Mt 15:22-28), tenha como intenção outra coisa que não generalizar para contrastar e levar a uma mudança de atitude.

Observando o relato através da máscara exclusivista do judaísmo, os leitores de Mateus devem perceber, pela resposta da mulher e pela concessão de Jesus a seu pedido, que necessitam adotar nova atitude em relação aos samaritanos e aos gentios em geral: uma atitude de tolerância. A mulher toma, sem pudores, o termo deliberadamente pejorativo de Cristo e o aplica a si mesma, ao dizer: “mas mesmo os cães”. Isso lhe outorga a bênção e, mais que isso, um dos mais comoventes elogios feitos por Jesus nos evangelhos.

Portanto, apesar de pejorativo, o uso do termo “cães” por Jesus em Mateus tem como objetivo provocar uma mudança de atitude em relação a uma classe discriminada. A situação criada por Jesus é o equivalente prático de Sua declaração: “ouviste o que foi dito... Eu, porém, vos digo”, usada com a mesma finalidade de transformar a compreensão de Seus ouvintes em relação a conceitos que deveriam ser suplantados pelo amor cristão. Porém, o interesse principal deste artigo não é estabelecer todo o contexto em que a palavra “cães” é empregada em Mateus, mas apenas mostrar que os escritores neotestamentários estavam familiarizados com seu uso metafórico.

Por outro lado, não podemos dizer que a ocorrência da palavra em Apocalipse tenha o mesmo referencial, uma vez que percebemos, em Mateus, a pa-

lavra ser enobrecida por Jesus. Depois do encontro da mulher cananéia com Jesus, os “cães” (gentios) não são mais excluídos do banquete, mas passam a ter direito às migalhas. Por isso, os cães de Apocalipse não podem ser os gentios, porque, ali, eles continuam excluídos da salvação.

No Apocalipse

Ao analisar o texto de Apocalipse, Robertson⁹ propõe, com base em Deuteronômio 23:18, que os “cães” são pessoas sexualmente impuras, uma vez que, segundo ele, os cães eram animais de rapina no Oriente e, por isso, eram ali desprezados. Porém, a mensagem apocalíptica não representa unicamente o pensamento oriental. É verdade que João era judeu, mas escreveu em grego, na ilha de Patmos, uma prisão romana no coração do mundo grego. Por isso, pode-se buscar um sentido mais próximo daquele empregado no mundo greco-romano para a palavra “cães”. Se isso é verdade, o termo pode ter um sentido filosófico mais abrangente do que apenas o da imoralidade.

O mundo grego conheceu certos filósofos que se chamam a si mesmos de cínicos, isto é, “caninos”, para enfatizar seu comportamento irrestritamente franco. Um dos mais famosos entre esses filósofos foi Diógenes de Sínope que, segundo Diógenes Laércio, era um “Sócrates enlouquecido”. Diógenes pregava a anadéia (uma vida totalmente despidorada). Outro filósofo cínico foi Crates de Tebas.¹⁰

Por intermédio de Apuleio, sabemos que Diógenes de Sínope persuadiu Crates, no século 4 a.C., a renunciar à sua fortuna. Crates passou, então, a se referir à sua antiga riqueza como um “fardo de esterco”. Essa decisão foi tão ofensiva a alguns, que Clemente de Alexandria, em sua obra *Quem é o Homem Rico que se Salva?*, declara que Crates o fez apenas porque desejava se libertar do trabalho de ter que manter suas posses, preferindo o ócio das letras inúteis, e não pelas razões sugeridas por Jesus em Marcos 10:17-31.

O mesmo Apuleio apresenta um Crates desnudo, ensinando suas doutrinas e carregando uma clava semelhante à de Hércules. Além disso, Apuleio nos informa que Crates costumava copular com sua consorte, Hiparque, em frente ao Pórtico Pintado, em plena Ágora ateniense.

O espírito de controvérsia associado aos cínicos teve enorme influência no pensamento greco-romano.¹⁴ A sinceridade destemperada desses filósofos repercutiu negativamente entre as demais escolas filosóficas e causou muita reação entre estóicos e epicureus. É por essa razão que os demais gregos passaram a se referir a eles como cínicos. O próprio Diógenes de Sínope, fundador dessa escola filosófica, aceitou o apelido de “Diógenes, o cão”. Não se deve menosprezar a influência dos sistemas filosóficos greco-romanos sobre o pensamento dos escritores neotestamentários que ora os aprovam ora os rejeitam, a depender do teor de seu conteúdo.¹¹

Acredito que os cães de Apocalipse 22:14, 15 são justamente as pessoas de comportamento aberrante que o mundo greco-romano se acostumou a chamar de cínicos (caninos). O apóstolo João podia estar simplesmente alertando no sentido de que o comportamento espalhafatoso e abertamente ofensivo, a revolta pelo simples prazer da revolta, a crítica inamistosa e a imoralidade frívola, tudo isso pode impedir que o cristão, um dia, ingresse no paraíso a ele prometido.

Além disso, ao contrário do que pode ter acontecido no Oriente (se é que a afirmação de Robertson, de que os orientais desprezavam os cães é verdadeira), os gregos e os romanos tinham grande proximidade com seus cães de estimação. Desde a referência ao famoso cão Argos, pertencente a Ulisses, na Odisséia, até as inúmeras estelas funerárias gregas que costumeiramente incluíam as figuras dos cães ao lado de seus donos falecidos, sobram evidências de que o mundo greco-romano amava esses animais. Aliás, não se pode dizer que o termo “cínico” fosse pejorativo. Ao contrário, ele pode ter até contribuído para a aceitação desses filósofos que, voluntariamente, aplicavam a si mesmos o epíteto “cães”.

Em sua epístola aos efésios (7:1), Inácio interpreta os cães de Apocalipse como sendo “aqueles que rejeitam a verdade e se endurecem contra a graça”. Não poderia haver descrição mais precisa dos cínicos de sua época: homens obstinados, que rejeitavam as tradições e a razão, com o firme propósito de se oporem à sociedade em que viviam. Talvez seja por isso que Jesus tenha hesitado em deixar que o evangelho fosse levado a pessoas assim (Mt 7:6). Dessa

forma, a majestade do evangelho não pode ser vilipendiada pela hostilidade daqueles que se opõem a tudo o que existe no mundo, seja no campo material ou no espiritual.

Obviamente, não posso provar que a referência a “cães” no Novo Testamento tenha como única referência os cínicos. É certo que, nos evangelhos, o termo se refere mesmo aos gentios. Entretanto, quero sugerir que a expressão apocalíptica tenha essa acepção principal. Há indícios de que o cinismo tenha florescido de modo mais intenso sob a dinastia flaviana. Domiciano, sob cujo governo João foi condenado a Patmos, foi um dos mais conhecidos imperadores dessa dinastia.

“O contexto de Apocalipse 22:14, 15 favorece uma interpretação metafórica da passagem”

Na Nova Terra

O manuscrito 4Q394, encontrado em Qumran, no Mar Morto, nos fornece uma pista sobre a razão pela qual os judeus antigos, contrariamente às práticas do Ocidente, pareciam avessos à presença de cães em Jerusalém. O manuscrito traz uma proibição quanto à manutenção de cachorros nas imediações do templo, porque estes insistiam em desenterrar ossos de animais ali sacrificados. Da mesma forma, o livro apócrifo conhecido como Atos de André também sugere que os primeiros cristãos tinham atitude ambivalente para com os cães, pelo fato de acreditarem que o cachorro era um animal cuja forma o diabo gostava de assumir.

Apesar dessas considerações negativas, não há nada que nos sugira que a ocorrência da palavra “cães” no Apocalipse deva ser interpretada literalmente. Além disso, o Antigo Testamento fala muito da existência de animais na Nova Terra: “O lobo e o cordeiro pasta-

rão juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não se fará mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, diz o Senhor” (Is 65:25). Esse texto é uma repetição ligeiramente alterada de outro do mesmo livro: “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará” (Is 11:6). Sabemos que a passagem é aplicável, primariamente, ao antigo Israel e não à igreja atual. Entretanto, como a maioria das profecias do Antigo Testamento é reapplicável à igreja, pode-se imaginar que haverá animais na Nova Terra.

Richard Phillips, pastor presbiteriano em Margate, Flórida, nos Estados Unidos, responde à pergunta: “haverá cães no Céu?” com a seguinte informação: “Provavelmente haverá, mas não o seu cachorro.” O que ele quer dizer é que, na recriação da natureza, provavelmente, Deus embelezará nosso planeta com espécies animais e vegetais, como o livro de Gênesis relata que Ele fez na semana da criação. No entanto, não podemos estar certos de que isso se dará por meio da ressurreição dos animais que antes existiram na Terra. Pode ser que Deus simplesmente decida criar novos animais para essa finalidade. ❧

Referências:

- ¹ Wendy Doniger, Hell is other people; heaven is other dogs. *On Faith*, 28/06/2007.
- ² Robert T. Sharp, *No Dogs in Heaven? Scenes from the Life of a Country Veterinarian* (Nova York: Carroll&Graf, 2005).
- ³ Bill Hall, Who will look after the dogs in heaven? *Tribune* (Lewiston, Idaho: 25/05/1990).
- ⁴ Roland Bainton, Luther on birds, dogs and babies. *Luther Today* (Decorah, Iowa: 1957).
- ⁵ David Sims, *The Gospel of Matthew and Christian Judaism: The History and Social Setting of the Matthean Community* (Edinburgh: T&T Clark, 1998), p. 215-256.
- ⁶ Reinhart Hummel, *Die Auseinandersetzung Zwischen Kirche und Judentum im Matthäusevangelium* (Munich: Kaiser, 1996), p. 36.
- ⁷ Pierre Bonnard, *L'évangile selon Saint Matthieu*, 2ª edição (Geneva: Labor et Fides, 1982), p. 429-435.
- ⁸ Gene R. Smillie, Even the dogs: gentiles in the gospel of Matthew, *Journal of the Evangelical Theological Society*, 2001, v. 1, n° 1, p. 74-96.
- ⁹ Archibald T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman, 1932).
- ¹⁰ Milton L. Torres, The stripping of a cloak: a topos in classical and biblical literature, *Hermenêutica* (Cachoeira, BA: 2001), v. 1, n° 1, p. 45-54.
- ¹¹ Albin Lesky, *A History on Greek Literature* (Indianápolis: Hackett, 1996), p. 672.
- ¹² Milton L. Torres, Felix's refusal to further listen to Paul as a statement of philosophical superiority, *Philica*, n° 70, 2006, p. 1-3. http://philica.com/display_article.php?article_id=70

Conectando com Jesus



Alberto R. Timm

Reitor do Salt e coordenador do Espírito de Profecia na Divisão Sul-Americana

Liderança da igreja adventista estabelece plano para facilitar aos membros a aquisição de livros escritos por Ellen G. White

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma das denominações cristãs com um dos mais elevados índices de expansão geográfica e de crescimento numérico no mundo, especialmente nos países em desenvolvimento. Mais de um milhão de novos membros, provenientes de diferentes culturas e com as mais variadas idiossincrasias, ingressam a cada ano no seio da denominação. Projeções sugerem que, mantendo-se a mesma curva de crescimento, a igreja terá em 2020 aproximadamente 50 milhões de membros, dos quais apenas 12,5% já eram adventistas no ano 2000. Esse pujante crescimento é indispensável para que a igreja mantenha sua vitalidade, mas também representa um grande desafio para a preservação da sua identidade.

Como igreja, precisamos considerar seriamente algumas questões vitais: Que perfil de adventismo teremos quando a liderança denominacional estiver nas mãos das novas gerações de conversos? Mostrarão eles possuir um compromisso sólido com a mensagem e os princípios adventistas? Terão eles sido devidamente preparados para o batismo e para enfrentarem a tendência secularizadora do mundo contemporâneo? O que estamos fazendo para que a geração visual, tão fascinada pelos vídeos e pela internet, estude mais a Bíblia e os escritos de Ellen G. White? Além disso, se um dos últimos enganos de Satanás será neutralizar a influência do Espírito de Profecia entre o povo remanescente (ver *Eventos Finais*, p. 153, 154), não deveria a igreja desenvolver estratégias mais eficazes para fortalecer a confiança dos seus membros na voz profética de Deus para o tempo do fim?

Existe hoje uma consciência global, entre cristãos e mesmo não cristãos, de que o mundo está chegando rapidamente ao seu fim. Ellen G. White declara: “Não temos tempo a perder. ... O grande conflito aproxima-se de seu fim. Toda notícia de calamidade em mar ou terra é um testemunho de que o fim de todas as coisas está próximo. Guerras e rumores de guerras declaram-no. Haverá um só cristão cuja pulsação não se acelere ao prever os acontecimentos que se iniciam perante nós? O Senhor vem. Ouvimos os passos de um Deus que Se aproxima. ... Temos que preparar-Lhe o caminho mediante o desempenho de nossa parte em preparar um povo para esse grande dia” (*Evangelismo*, p. 218, 219).

O tempo é solene e a igreja precisa se apegar firmemente à palavra profética, para enfrentar com segurança os grandes vendavais ideológicos que estão se intensificando rapidamente ao nosso redor.

Um plano da Associação Geral

Em 2004, começou a se consolidar entre os líderes da Associação Geral a idéia de que a igreja deveria estabelecer um plano de distribuição global de uma coleção de obras básicas de Ellen G. White, abaixo do preço de custo de publicação. Sob o nome de *Projeto Conectando com Jesus*, o plano foi apresentado oficialmente aos delegados da Assembléia Geral, realizada em Saint Louis, Missouri, no dia 2 de julho de 2005. A proposta é que no quinquênio de 2005-2010 sejam distribuídas ao redor do

mundo aproximadamente dois milhões de coleções, compostas pelos seguintes livros:

- ◆ *Patriarcas e Profetas*
- ◆ *Profetas e Reis*
- ◆ *O Desejado de Todas as Nações*
- ◆ *Atos dos Apóstolos*
- ◆ *O Grande Conflito*
- ◆ *Caminho a Cristo*
- ◆ *Conselhos Para a Igreja* (inédito em língua portuguesa)
- ◆ *Conselhos Sobre Mordomia*
- ◆ *Serviço Cristão*
- ◆ *A Ciência do Bom Viver*

Esse é, sem dúvida, o mais arrojado projeto de distribuição global de livros de Ellen G. White já levado a efeito pela denominação. Em apoio ao projeto, foi estabelecido o site www.connectingwithjesus.org, que disponibiliza em língua inglesa uma série de recursos importantes para o estudo e a divulgação dos referidos livros, bem como da vida e obra de Ellen G. White. Cada Divisão da igreja mundial possui uma quota específica de coleções a serem distribuídas. Cabe a ela a viabilização do projeto em seu território, estabelecendo um *pool* de subsídios financeiros e desenvolvendo estratégias de distribuição dos referidos livros a preço acessível.

Participação da Divisão Sul-Americana

No dia 9 de maio de 2007, a Comissão Plenária da Divisão Sul-Americana votou, com a participação dos administradores de suas doze Uniões, a distribuição em seu território de 257 mil coleções do *Projeto Conectando com Jesus*, número esse que foi aumentado depois para aproximadamente 285 mil coleções. No território dessa Divisão, em cada coleção dos dez livros está sendo acrescentado, sem ônus adicional, um exemplar do livro *Mensageiros da Esperança*, também de autoria de Ellen G. White.

As 285 mil coleções de onze livros representam um montante de 3.135.000 livros, que totalizam mais de dez bilhões de páginas impressas. A publicação desse material consumiu aproximadamente 1.200 toneladas de papel, que necessitariam 80 caminhões com capacidade de quinze toneladas para serem transportadas. Tenha em mente que esses números representam apenas o que está ocorrendo no território da Divisão Sul-Americana, sem levar em consideração as dimensões do projeto nas outras doze

Divisões da igreja mundial. Isso confirma a visão de Ellen G. White de que nos últimos dias a distribuição de literatura adventista se assemelharia a “torrentes de luz que circundavam o mundo” (*Vida e Ensinos*, p. 128).

O volume do projeto ajuda a diminuir sensivelmente os custos de publicação de cada título. Mesmo assim, cada coleção recebeu um subsídio significativo proveniente da Associação Geral, da Divisão Sul-Americana, da respectiva União, do Campo local, bem como da própria Casa Publicadora Brasileira. Essas subvenções permitem que a coleção completa dos onze livros seja adquirida pelos membros da igreja no Brasil, por apenas R\$ 24,00 (vinte e quatro reais). Esse preço será mantido apenas enquanto durar o estoque. As coleções subvencionadas serão distribuídas exclusivamente pelos Campos locais.

Em apoio ao projeto, foi estabelecido pela Divisão o site www.conectandocomjesus.com.br. Nele, estão disponibilizados, entre outros materiais, o conteúdo de cada um dos dez livros básicos (em formato PDF), passível de ser pesquisado, bem como os respectivos “guias de estudo” de cada livro (em formato PowerPoint). O referido site continuará fornecendo subsídios ao estudo e à pesquisa dos escritos de Ellen G. White em língua portuguesa.

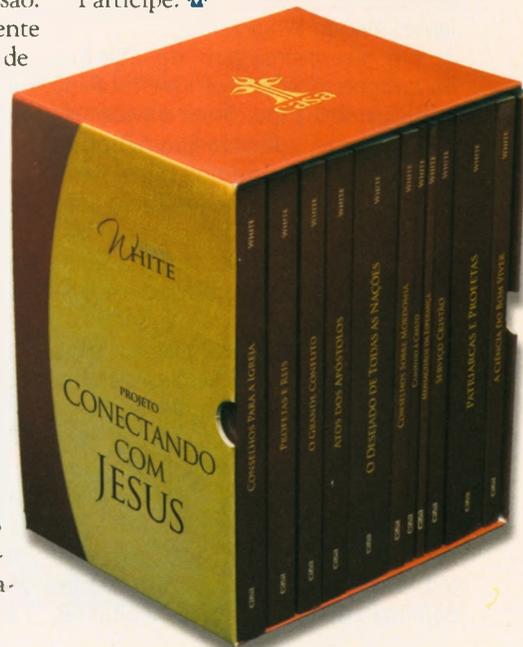
O projeto foi dedicado no dia 7 de novembro de 2007, na Comissão Plenária da Divisão Sul-Americana, reunida em Guarulhos, SP. Dedicções semelhantes já ocorreram ou ainda deverão ocorrer em cada União e Associação/Missão. Cabe à administração local, juntamente com o seu coordenador do Espírito de Profecia, planejar essa cerimônia.

Implementação ministerial

As coleções serão enviadas pela Casa Publicadora Brasileira aos respectivos Campos em duas etapas: janeiro e março de 2008. Os Campos, por sua vez, as distribuirão para os distritos pastorais, onde sugerimos que sejam dedicadas para o uso das famílias que as adquirirem. O pastor distrital deverá elaborar, juntamente com os anciãos da igreja e diretores dos grupos, um plano de distribuição das coleções, proporcional ao número de famílias de cada congregação ou distrito.

É indispensável que o pastor distrital também desenvolva, com os líderes de cada congregação de seu território, um planejamento concreto de leitura e estudo dos livros que formam a coleção. A leitura pode ser individual, em família, em pequenos grupos, ou nos cultos de quarta-feira à noite. Uma excelente idéia seria ler o material na “Jornada espiritual”, iniciada com as “40 madrugadas com Deus”. Seria conveniente também se em uma reunião semanal (como por exemplo, o Encontro Jovem) fosse realizado um pequeno concurso sobre a leitura da semana. Independentemente do método escolhido, todos os membros do distrito deverão se envolver em um tipo de leitura e estudo dos livros. Experiências interessantes sobre a implementação do projeto poderão ser enviadas à sua coordenação geral na Divisão Sul-Americana, clicando na opção “meu teste munho”, no menu do site www.conectandocomjesus.com.br.

A elaboração e a implementação desse projeto envolveu enorme investimento financeiro e de outros recursos da igreja. As mensagens inspiradas para os últimos dias da História deverão ser difundidas por todo o mundo, até que a Terra toda se encha “do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Hc 2:14). Cremos que o envolvimento coletivo e pessoal de todos nós em um plano definido de leitura e estudo desses livros contribuirá decididamente para a eclosão do reavivamento e da reforma que prepararão a igreja para a segunda vinda de Cristo. Participe. ✚



Focalizando a missão

Líderes da América do Sul se reúnem para avaliar o presente e planejar o futuro

da Agência Sul-Americana de Notícias



Pastores Bolívar Alaña, Erton Köhler e Marino Oliveira

Entre os dias 5 e 8 de novembro, foram realizadas as reuniões da Comissão Diretiva da Divisão Sul-Americana, DSA, desta feita, na cidade de São Paulo. O objetivo do encontro foi avaliar o andamento das atividades missionárias da igreja e estabelecer metas para o futuro. Além dos líderes das Uniões e instituições denominacionais sul-americanas, estiveram presentes os pastores Gerry Kart, José Lizardo, respectivamente vice-presidente e tesoureiro associado da Associação Geral, Bill Knot, da revista *Adventist World*, e James Mix, do *White Estate*.

Em sua mensagem de abertura do congresso, o pastor Kart motivou seus ouvintes a buscarem o poder do Espírito Santo, a fim de que, "como os discípulos, conquistemos nosso território para Jesus". Falando sobre o crescimento da igreja, ele disse ser possível projetar que "por volta do ano 2020, seremos uma comunidade com 40 milhões de membros".

Durante as reuniões, o pastor Erton Köhler também destacou o crescimento da igreja na América do Sul, informando que, em 2006, das 3.032 pessoas batizadas diariamente no mundo, 860 pertencem à DSA; e, de cada 100 membros da igreja mundial, 22 estão no território sul-americano. Mas, existem desafios. "Temos grandes cidades com mais de um milhão de habitantes,

nas quais a proclamação do evangelho precisa crescer. Precisamos criar estratégias para alcançar essas cidades", diz o pastor Köhler.

Projetos

Tendo em vista preparar espiritualmente a igreja para enfrentar os desafios é que foi lançado o "Projeto Conectando com Jesus", que disponibiliza para os membros da igreja uma coleção de onze livros de Ellen White, por apenas R\$ 24,00 (ver matéria sobre o assunto, na página 30). Junto com esse plano de crescimento espiritual, foi apresentado o livro missionário para 2008. Trata-se de *Esperança Para Viver – o Verdadeiro Caminho da Felicidade*, uma edição atualizada do livro *Caminho a Cristo*.

Outro destaque missionário para este ano é o "Projeto Esperança", cuja proposta é envolver todos os membros numa proclamação de impacto sobre a volta de Cristo. O plano prevê a distribuição de 20 milhões de revistas, colocação de um milhão de adesivos em automóveis e dez mil *outdoors* nas principais cidades. A idéia é que tudo isso ajude a fortalecer o evangelismo da primavera, que utilizará recursos missionários como pequenos grupos, classes bíblicas, semanas de colheita e oração intercessora. O "dia D" está marcado: 6 de setembro. Em seguida, as reuniões evangelísticas (pequenos grupos, classes bíblicas, semanas de colheita) terão continuidade, tendo em vista uma farta colheita de novos membros, a partir do Batismo da Primavera.

Novos líderes

O departamento de Missão Global e a Agência de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, têm novos líderes, assim como as indústrias alimentícias Granix e Superbom. Para dirigir as atividades de Missão Global na DSA, foi

escolhido o pastor Edson Choque. Peruano, serviu como pastor distrital, diretor do Ministério Jovem, Ministério Pessoal e Mordomia Cristã em seu país e no Brasil (Missão Nordeste e Associação Bahia Sul). O pastor Gunther Wallauer é o novo diretor da Adra. Depois de concluir o curso teológico no Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, ele serviu como voluntário da Adra em Moçambique. Efetivado como obreiro, continuou no mesmo setor, trabalhando em outros países africanos, na Bolívia e na União Norte-Brasileira. Ultimamente, servia em Ruanda.

Para substituir o pastor Benjamin Reichel, que acaba de jubilar-se, Marcelo Cerda foi nomeado diretor da Granix. Graduado em Economia e mestre em Administração de Empresas, o professor Marcelo trabalhava como gerente financeiro da própria Granix. Por sua vez, Alexandre da Silva Lopes é o novo diretor da Superbom. Possuindo vasta experiência na área contábil, Lopes já trabalhou no Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Ipaee, *A Voz da Profecia*, Sistema Adventista de Comunicação, Associação Sul do Pará e, ultimamente, Associação Baixo-Amazonas.



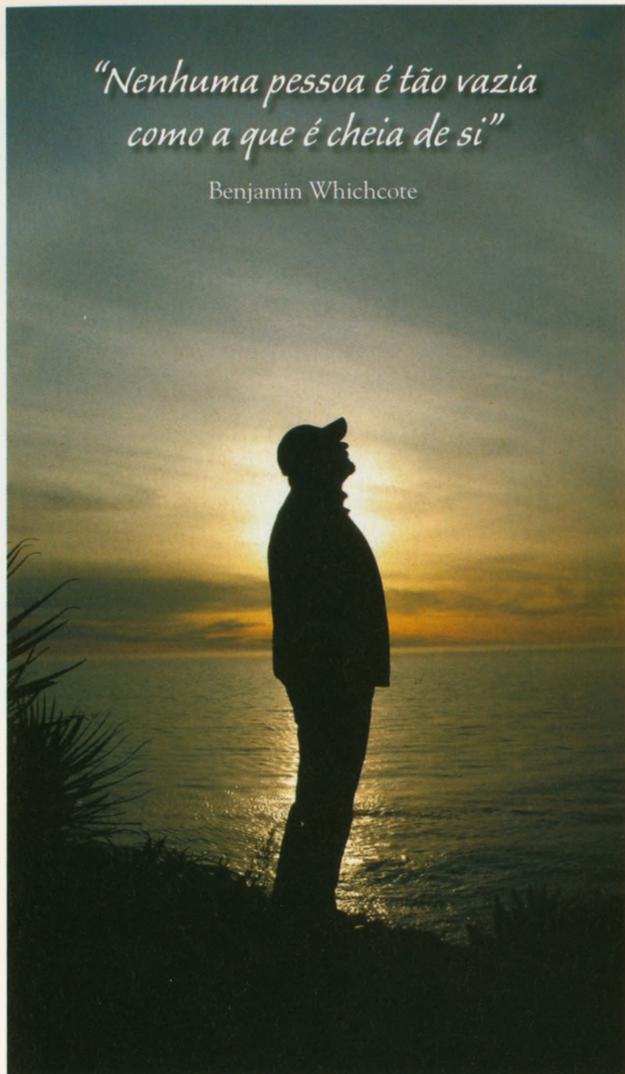
Marcelo Cerda Gunther Wallauer



Edson Choque Alexandre Lopes

*"Nenhuma pessoa é tão vazia
como a que é cheia de si"*

Benjamin Whichcote



Gustavo Burgos/Flickr

*"Tende em vós o
mesmo sentimento
que houve
também em Cristo
Jesus, pois Ele,
subsistindo em
forma de Deus, ...
a Si mesmo Se
esvaziou, ... a Si
mesmo Se
humilhou..."*

Paulo



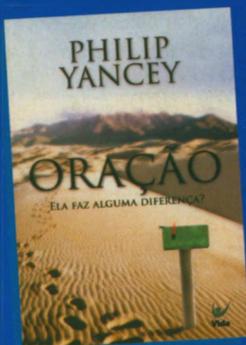
SXC



João Mückenner/Marta Inokawa

ORAÇÃO: ELA FAZ ALGUMA DIFERENÇA?

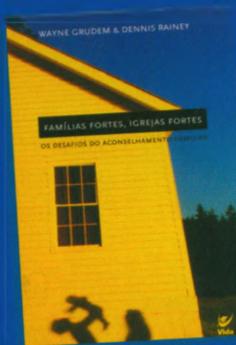
Philip Yancey, Editora Vida, São Paulo, SP; 422 páginas; telefax (11) 6090-6814, www.editoravida.com.br



Neste que é um dos livros mais instigantes, Philip Yancey investiga um dos aspectos que medem com precisão a temperatura de nosso relacionamento com Deus: a oração. Escrevendo sobre a oração como peregrino, o autor faz muitas indagações que todos nós fazemos em algum momento da vida. “Se a oração é o lugar em que Deus e os seres humanos se encontram, então devemos aprender sobre a oração.”

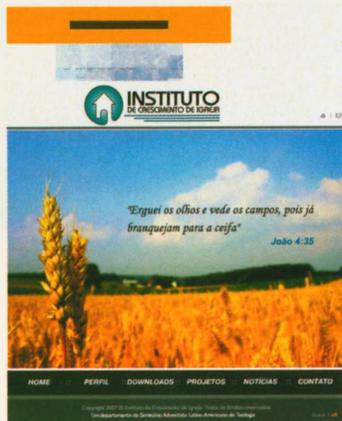
FAMÍLIAS FORTES, IGREJAS FORTES (Os desafios do aconselhamento familiar)

Wayne Grudem e Dennise Rainey (organizadores), Editora Vida, São Paulo, SP; 335 páginas.



Como enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades para ministrar às famílias? Grudem e Rainey reuniram treze cristãos experientes para abordar questões bastante atuais, como: a vida conjugal do pastor, liderança masculina e bom senso feminino, violência doméstica, homossexualidade, entre outras. De acordo com os autores, somente teremos igrejas fortes com o fortalecimento das famílias.

VEJA NA INTERNET



www.salt.edu.br/ici

O novo site do Instituto de Crescimento de Igreja, ICI, existe para auxiliar os estudantes e evangelistas em sua prática ministerial. Além de ter um site animado, com visual moderno, você terá artigos e informações com as últimas notícias relacionadas ao evangelismo do Salt. Poderá também realizar downloads de treinamentos, sermões, apostilas e muito mais. – Patrick Ferreira

www.horatanquila.com.br

Além de bons textos de incentivo à comunhão com Deus, belas orações e pensamentos, esse site agora reúne também ótimo material de apoio ao trabalho pastoral. Para o conteúdo devocional, clique nos links: Temas Devocionais ou Orações e Pensamentos. Para chegar ao material relacionado com a obra ministerial, entre primeiro na área O Bom Pastor. O menu está logo à esquerda da tela. Os itens principais são: Artigos de Valor (textos de cunho prático); Sermões Para Todas as Ocasões (esboços sugestivos para eventos especiais e dezenas de outros sermões adventistas), A Esposa do Pastor (orientação e inspiração para elas) e Livros e Monografias (veja “O problema da apostasia”). – Márcio Dias Guarda





Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

Ministros da reconciliação

Existe uma antiga história sobre um rei que foi procurado por dois camponeses que estavam envolvidos em uma contenda. O primeiro camponês contou sua versão a respeito do assunto em questão. O rei ouviu atentamente, depois afirmou: “Você tem razão”. O outro homem, por sua vez, também apresentou seu ponto de vista sobre o problema. Após ouvir, demonstrando grande interesse, o rei opinou: “Você tem razão”. Atordoado com as opiniões conflitantes do monarca, o conselheiro real sussurrou ao ouvido de seu soberano: “Majestade, o senhor não pode dar opiniões desse tipo em relação ao mesmo caso”. Pensativo, o rei admitiu: “Você tem razão”.

Às vezes, fico pensando que nós, pastores, cometemos um erro quando nos posicionamos precipitadamente, ao nos depararmos com divergências de idéias ou conflitos entre os membros da igreja. Em sua maioria, pastores são indivíduos naturalmente solidários e empáticos. Por uma razão quase instintiva, sentimos compaixão quando alguém nos revela que está sendo injustiçado, traído, menosprezado ou ofendido. Então, com a melhor das intenções, cometemos o erro de emitir opinião unilateral, favorável à pessoa que está diante de nós.

Querido pastor, nesta oportunidade, desejo compartilhar com você alguns pensamentos sobre nosso papel como conselheiros e conciliadores.

Em primeiro lugar, o pastor não deve assumir a postura de juiz. Em certa ocasião, Cristo foi abordado por um homem que solicitava Sua intervenção num conflito envolvendo a divisão de uma herança familiar. “Mestre”, clamava o suplicante, “ordena a meu irmão que reparta comigo a herança.” Reprovando-lhe a avareza, Jesus respondeu: “Homem, quem Me constituiu juiz ou partidador entre vós?” (Lc 12:13, 14). Nosso papel é promover a reconciliação, e não o de apontar quem está certo ou quem está errado. Embora seja agradável a algumas pessoas, quase sempre, esse tipo de atitude abre feridas e provoca mágoas em outras pessoas.

“O papel do conselheiro não é decretar soluções, mas ajudar as pessoas a tomarem decisões corretas”

Em segundo lugar, precisamos nos lembrar de que nossa interpretação a respeito de determinado assunto, por mais correta que seja, é parcial. Jamais vamos conseguir enxergar todas as causas, implicações e conseqüências de um problema. Se existe algum caso tão grave que esteja causando problemas à igreja como um todo, devemos estudá-lo na devida esfera, seguindo a orientação bíblica e o *Manual da Igreja*; porém, nunca, por nossa própria conta, apresentar soluções prontas. O papel do conselheiro não é decretar soluções, e sim ajudar as pessoas envolvidas no conflito a interpretarem melhor a situação e tomarem as decisões corretas.

Finalmente, não se esqueça de que você tem onde buscar e receber ajuda e orientação, quando estiver inseguro sobre como lidar com determinadas situações. Além da sabedoria que vem do alto, em resposta à oração fervorosa, você faz parte de um ministério coletivo. Assim sendo, dentro do limite da ética pastoral e da necessária discricção, consulte outros pastores experientes e compartilhe suas dúvidas com seus líderes. Agindo dessa forma, é improvável que você cometa erros ou assuma posturas que tragam prejuízos para a igreja. Aliás, esse conselho se aplica não somente para conflitos entre membros da igreja, mas para todas as questões ministeriais e eclesiológicas.

Em seu livro *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, à página 499, Ellen White escreveu: “Está no plano de Deus que todos os que levam responsabilidades frequentemente se reúnam para pedir conselhos uns aos outros, e para orar fervorosamente por aquela sabedoria que somente Ele pode dar. Unidos, apresentem a Deus as suas dificuldades. ... Unam-se os irmãos em jejum e oração por aquela sabedoria que Deus prometeu dar liberalmente.”

De coração, desejo que você continue sendo um poderoso instrumento nas mãos de Deus, alguém que seja reconhecido como homem de equilíbrio, prudência e sabedoria. ❧

Adquira hoje a sua coleção!

Testemunhos

Para a Igreja – 9 volumes



Vol. 1 – Cód. 6642 Vol. 4 – Cód. 6645 Vol. 7 – Cód. 6647
Vol. 2 – Cód. 6643 Vol. 5 – Cód. 6646 Vol. 8 – Cód. 6648
Vol. 3 – Cód. 6644 Vol. 6 – Cód. 6640 Vol. 9 – Cód. 6649

Código da coleção completa com os 9 volumes: 10599

Indispensável para pastores, anciãos, líderes e demais membros da igreja.

A coleção *Testemunhos Para a Igreja*, em seus nove volumes, traz conselhos divinos escritos por Ellen G. White. Aborda temas relacionados à grande obra da igreja na Terra, tais como o uso da literatura, evangelização das cidades, reforma de saúde, unidade, liberdade religiosa, fidelidade, liderança, responsabilidade e beneficência.

Para adquirir ligue: **0800-9790606***, acesse: **www.cpb.com.br**, faça seu pedido no **SELS de sua Associação**, ou dirija-se a uma das **lojas da CASA**.



*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h